OBRAS

DE

MACEDO PAPANÇA

CONDE DE MONSARAZ

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Catharina d'Athayde—1880-1886
Telas historicas

LISBOA

[illegible]

LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

[illegible]

Ao Senhor Carlos Abreu
off.ce com muita considera-
ção o

OBRAS

DE

MACEDO PAPANÇA

II

Conde de Monsaraz

OBRAS

DE

MACEDO PAPANÇA

CONDE DE MONSARAZ

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

Catharina d'Athayde — 1880-1886
Telas historicas

LISBOA
M. GOMES, EDITOR
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

M DCCC XCV

Á MEMORIA

DE

LUIZ DE CAMÕES

CATHARINA D'ATHAYDE

PRIMEIRO CANTO

I

NO TEMPLO

I

NO TEMPLO

É sexta feira santa. No ataúde
O Christo dorme o somno de trez dias
Que o ha de transformar n'um Deus—a pomba
Que o vôo ergueu das podridões da terra
Ao manso azul dos páramos celestes.

Ao lado, a mãe n'um tragico silencio,
Immovel, desgrenhada, estende os braços
Entre a humanidade palpitante
E o cadaver do filho que perdêra.
No cimo do Calvario ergue-se o lenho
Entre as accesas tochas funerarias
E os vasos d'onde as flores desbotadas
Vão desprendendo as petalas já murchas;
O incenso ergue-se em nuvens fluctuantes,
E desfaz-se na abobada sombria.
Por toda a parte os crepes, como brumas
D'uma noite de inverno erma e gelada.
Ouve-se o vento a psalmodiar lá fóra
N'um biblico gemer severo e triste;
E dentro, como um côro subterraneo,
O sussurro das rezas vagarosas.

Camões está no templo, entre os fidalgos
Do sequito d'el-rei D. João III.
De pé, em toda a linha esculptural
Da sua gentilissima estatura,
Com a cabeça alevantada e firme
Sobre os hombros athleticos, a fronte
Sombria e carregada de tristezas,
Tinha o vigor das tragicas figuras,

Que Vinci e Miguel Angelo crearam
Na agitação febril da Renascença.
Defronte na tribuna reza a infanta
Filha de D. Manuel, e em torno as damas;
Lembra a Madona que se evola em nuvens
Sorrindo n'uma tela florentina
Cercada d'anjos loiros e suaves.

Entre as damas do paço da Ribeira
Estava Catharina d'Athayde.
Tinha quinze annos; era esbelta e loira
Como as visões do perfumado Oriente;
Sorria-lhe no azul dos olhos bellos
A ingenua castidade, embora ás vezes
Qualquer vaga tristeza os assombrasse,
Nuvens que pairam sobre as aguas mansas
Quando as alegra e doira o sol nascente.
O coração do poeta palpitava
Sob esse peito forte de guerreiro
Que mais tarde nas pugnas africanas
O havia de escudar vestido d'aço,
E aos olhos d'ella enamorado erguia
O seu enorme espirito, assim como
Se erguem do oceano as ondas irrequietas
Ao vasto azul do espaço illimitado...

Os padres de Jesus, em voz soturna,
Entoavam no côro as harmonias
Dos psalmos sepulcraes de Orlando Lasso,
Ao som de um orgão velho e gemebundo,
Vibrado pelas mãos emmagrecidas
D'um pallido Jesuita.
                                    Catharina,
Desviando de Deus os olhos d'alma,
Fitava-os no poeta apaixonado,
E phantasiava o encanto, a galhardia,
Com que elle, um cavalleiro destemido,
Apertada nos seus robustos braços,
A levaria um dia sobre a sella
D'um fogoso corcel na desfilada;
Ante-escutava os versos caprichosos
Que ao ouvido, na côrte, os labios d'elle
Lhe haviam de dizer baixinho, a ponto
De ella os guardar no coração tranquillo,
D'onde ninguem lh'os arrancasse nunca...
E perdida na doida phantasia
Deixava-se ir atraz d'um sonho vago,
Como as risonhas, candidas creanças
Que após a flor levada na corrente
Se arrastam e se perdem na voragem
D'uns abysmos revoltos e profundos.
E distrahidamente olhava o Christo,

Inanimado e frio sobre o esquife,
Aspirava do incenso o casto aroma
E o perfume da flor do rosmaninho,
E ouvia os psalmos tristes e chorosos,
Entoados no côro pelos padres
N'uma funerea voz, soturna e baça...

Amava e era amada... Amor funesto,
Amor que a morte esmagaria em breve,
E que brotava alli ante um cadaver,
D'um mosteiro na fria magestade,
Ao som dos responsorios da agonia!

II

ENTRE AS ROSAS

II

ENTRE AS ROSAS

E esse amor, essa paixão,
Como um vinho envenenado
Que enche um crystal delicado,
Enchia-lhe o coração.

E a perfumada poesia
D'aquelles castos amores,
Serena luz que irradia
N'um prisma de finas cores,
Tão descuidosa corria,
Tão repassada de esp'ranças,
Como um bando de creanças
Sobre um tapete de flores.

Havia nada mais santo
Nem coisa mais deliciosa
Do que o suavissimo encanto
D'aquelle amor côr de rosa?
Amor que o germen encerra
De tudo o que é nobre e grande;
Sol que entre nuvens se expande
E innunda de luz a terra.

Mal vinha rompendo a aurora
Já ella, pallida, inquieta,
Julgava escutar lá fóra
A voz triste e apaixonada
Do seu cantor, do seu poeta;
E debruçada do leito,

Tremula, fria, nervosa,
Sentindo dentro do peito
O coração palpitar
De infantil contentamento,
Punha-se então a escutar...
... Mas que amargo desalento,
Que funda melancholia!
Pobre creança! o que ouvia
Eram as queixas do vento
E as ladainhas do mar!

Que dois affectos os seus!
N'um sobresalto constante,
Se acaso pensava em Deus
Pensava tambem no amante.

Era um culto singular:
Erguêra, sorrindo, aos dois
No coração um altar,
Onde á tarde os rouxinoes
Se vinham pôr a cantar.

Ella dissera baixinho
Um dia ao seu confessor

A suavidade, o carinho
D'aquelle innocente amor;
E o padre é certo que havia
Um tal amor prohibido;
Mas então já não podia,
Já lhe faltava a coragem
Para apagar do sentido
O encanto d'aquella imagem!

E depois da penitencia,
Ao tomar a communhão,
Chorava, por ver que tinha
Mais inquieto o coração,
E mais tranquilla a consciencia!

III

PRESENTIMENTOS

III

PRESENTIMENTOS

N'UMA noite d'abril a branca flor do luar
Abrindo na amplidão as petalas macias
Pulverisa de luz as solidões do mar.

Agitam-se ao de leve as arvores sombrias,
E as ondas sobre o caes morrem despedaçadas
No lugubre estertor das lentas agonias.

O orvalho enche de pranto as rosas inclinadas,
Os cravos e os jasmins embalsamando os ares;
Cantam os rouxinoes na sombra das ramadas.

Como flocos de neve, os brancos nenuphares
Sobrenadam á flor dos lagos preguiçosos;
Branquejam nos beiraes pombas dormindo aos pares.

Tremeluzem no azul os astros lacrimosos;
Exalta o pensamento em extranhas suggestões
A sombria viuvez dos templos silenciosos.

Na esteira do luar o vulto de Camões
Destaca-se; contempla as mudas gelosias
Do palacio d'el-rei; tristes apprehensões

Condensam-se-lhe na alma; aladas phantasias,
Sonhos leves do amor, aspirações altivas,
Tudo passou! Talvez que os deliciosos dias

Da sua primavera e as galas tão festivas
Do seu risonho amor, tocadas pela morte,
Murchassem como á noite as debeis sensitivas

Expostas sem abrigo á viração do norte,
Do norte que as curvou á lama pestilenta
Manchando-as para sempre! Entretanto na côrte

A intriga palaciana, astuciosa e lenta
Como a nodoa do azeite, iria de mansinho
Alastrando... alastrando... e as nuvens da tormenta,

Vomitando a metralha, em escuro desalinho,
Quebrariam talvez o ramo perfumado
Onde o seu louco amor ía formando o ninho.

E o forte coração do poeta apaixonado
Doía-lhe ao sentir a duvida pungil-o
Como um fino punhal, agudo, envenenado,
Perturbando-lhe a paz do seu amor tranquillo.

(Abre-se uma janella baixa nos Paços da Ribeira e apparece o vulto gracioso de Catharina d'Athayde. Camões approxima-se.)

CATHARINA

Ergui-me ha pouco do leito;
É noite, mas sinto agora,

Ao ver-te, a esplendida aurora
Que me enche de luz o peito:
Estar sósinha comtigo,
Nos teus braços, que ventura!
Não ha mais tepido abrigo,
Nem alegria mais pura.

(Reparando no rosto do poeta.)

Meu Deus, que pallido estás!
Tão triste! Que tens?

O POETA

Supponho
Que o nosso amor é um sonho
Que qualquer sopro desfaz...
Fundos segredos da sorte!
Mas as paixões, uma a uma,
Como o vento apaga a espuma
Póde apagal-as a morte.

CATHARINA *(sobresaltada)*

Meu Deus, que triste linguagem!

O POETA

Quando vês qualquer imagem
N'um lago azul e sereno
O teu espirito presente
Que uma pedra ao caír n'agua
A turve rapidamente,
Não é verdade?

CATHARINA

É verdade!

O POETA

Pois esse lago é o amor,
E a pedra anonyma, flor,
É a calumnia, a maldade.

A sociedade descobre
Dois namorados; depois

Mesmo a rir separa os dois
Se um é rico e se outro é pobre.

....

O teu padre confessor
Já muitas vezes te tem
Censurado o nosso amor
Como uma calamidade:
É filho da sociedade
E defende sua mãe.

Ha prejuizos de raça,
Ha preconceitos, emfim,
Que te hão de afastar de mim,
Fazendo a nossa desgraça.

CATHARINA *(assustada)*

Quem sabe se tens razão?...
Nos serões do Paço, ás vezes,
Quando tu falas commigo,
O olhar do padre Simão,
Severo como um castigo,
Assusta-me o coração.

E eu baixo instinctivamente
Os meus olhos com desgosto,
Porque esse olhar tão ardente
Queima-me a alma e o rosto...

....

Tenho medo dos Jesuitas,
Dos fidalgos e do rei;
Tenho medo, e acreditas?
Quero explicar-t'o e não sei.

O POETA
(apertando-a nos braços)

Tremes? não tenhas receio,
Eu sou robusto, sou forte,
E tanto que nem a morte
Te arrancará do meu seio.

....

Adeus, é quasi manhã;
Um beijo... inda outro... São doces
E castos como se fosses
Minha mãe ou minha irmã!

....

Fala-me ainda uma vez
Do teu amor.

CATHARINA

Eu te juro
Que o não ha mais forte e puro
Em coração portuguez.

Se vivo, é só para amar-te,
E, Deus sabe se te minto,
Quando tu partes, eu sinto
Que o coração se me parte.

(Ouvem-se passos. Catharina fecha a janella. O poeta fica pensativo.)

O POETA

Explicae-me, ó grandes sabios,
A fatal contradicção
De eu ter o dia nos labios
E a noite no coração.

Quem me vê diz: quem me déra
Ser tão feliz como elle é!

Oh apparencia, oh chimera,
Porque illudes quem me vê?!

Eu sei que não tem remedio
Este mal que se traduz
Nos olhos cheios de luz,
Na alma cheia de tédio!

(Afasta-se.)

Gemem as ondas quebradas
Do mar, que ao longe desmaia,
Contando lendas maguadas
Ás fundas grutas da praia.

É quasi manhã, á hora
Em que se póde hesitar
Se é já o clarão da aurora,
Se é ainda a luz do luar;

E no placido socego
D'essa vaga claridade
Passa um enorme morcego...
É a sotaina d'um frade.

SEGUNDO CANTO

I

NA CÔRTE

I

NA CÔRTE

No paço das Alcaçovas havia
Sarau d'erudição;
Espalhava-se o clero e a fidalguia
Pelo vasto salão.

N'esse recinto ás lettras consagrado
O luxo se condensa;
As paredes da sala
São forradas de razos de Florença
Com franjas d'oiro fino de Sofala.

Grandes estantes d'ebano esmaltado,
Cheias de livros, manuscriptos raros
E vastas collecções,
Preciosos arsenaes onde os preclaros
Espiritos das damas eruditas
Se armavam para as largas discussões
Com os padres jesuitas.

Sobre as felpas carissimas da Suissa,
Cheias de subtilezas
E finos arabescos phantasiosos,
Erguem-se as largas talhas japonezas,
Immoveis nos seus bojos silenciosos.

N'um pedestal de sandalo, encastoado
De prata e de coral,

Destaca-se um trabalho delicado:
Um fino busto, em marmore talhado,
D'uma infanta qualquer de Portugal.

Dispersos sobre as mesas de pau santo,
Os mappas e as espheras,
Em horas patrioticas de espanto
Mostravam as inhospitas paragens,
As regiões severas,
Tomadas pelos velhos portuguezes
Nas destemidas, epicas viagens.

As estatuas de marmores reaes
D'Italia, sobre grandes pedestaes
De artistico lavor,
Exhibiam-se em face das pinturas
Suspensas das paredes em molduras
De preciosas madeiras de Solor.

Viam-se os quadros de Masacio e Giotto,
Os modernos trabalhos de Ticiano,
As telas de Vanucci, o Perugino;

E n'um tom de materna suavidade,
Repleta de frescura e mocidade,
Uma Virgem de Raphael d'Urbino.

Descerravam-se as portas da capella
Ao fundo, no salão,
Deixando ver o rosto macerado
D'um Christo medieval, hirto e chagado,
D'uma severa e biblica expressão.

Pelas salas e vastos corredores
A fidalguia e o clero,
Adoptando a Escholatica por norma,
Discutem varios pontos da Reforma,
E maldizem o genio de Luthero.

Ostentam os seus trajos, constellados
De ricas pedrarias deslumbrantes,
Os nobres cavalleiros namorados;
E as damas palpitantes
Arrastam pelas martas moscovitas
Os doirados chapins

E os damascos de cores exquisitas,
Como as dos mandarins.

Movem-se os grandes leques de xarão.
E na brancura ideal dos collos nús
Sente-se o aroma calido e pagão
Do almiscar sensualissimo de Ormuz.

Falla-se o grego e o latim a esmero,
Lê-se Terencio e Plauto,
Recita-se Virgilio, Horacio e Homero,
E n'um grupo de damas silenciosas
Um poeta altivo e de fidalgo porte
Declama as redondilhas do seu auto
Celebre em toda a côrte.

Sentada ao orgão tremulo e plangente,
A filha do poeta Gil Vicente
Executa em surdina,
Acompanhada das irmãs Sigêas,
As harmonias, languidas e cheias,
Da missa do maestro Pallestrina.

E dominando a vasta academia,
D'um throno sob o explendido docel,
Preside a Infanta Real D. Maria,
Filha de D. Manuel.

Luiz de Camões contempla a languida figura
Da creança gentil, da flor mimosa e pura,
Que aos beijos da sua alma as petalas descerra;
E alli, tão perto d'ella, imaginava o louco
Que, para a possuir, anullaria em pouco
A infinita extensão que vae do céu á terra!

No seu vestido branco, estreito e perfumado,
Como as virgens que vão ás festas d'um noivado,
Ou como os cherubins das telas religiosas,
Tinha a doce expressão da castidade altiva,
Que o calice retrahe á branda sensitiva,
E tinge de rubor as petalas das rosas.

De branco! e fôra assim que elle a beijára em sonhos,
Nos seus sonhos d'amor, sombrios ou risonhos

Conforme o coração lh'os inspirava... assim,
Toda de branco, a rir, a rir como as creanças
Pelas tardes d'abril, soltas ao vento as tranças,
Alegres e joviaes nas relvas d'um jardim;

Ou como a vira já em pesadelos, fria,
N'uma camara ardente ao declinar do dia,
Com os labios sem côr, as palpebras cerradas...
E elle sobre o caixão, quasi desfallecido,
A beijar-lhe o setim das pregas do vestido
E o gelo, a rigidez das mãos inanimadas!

E dentro da sua alma, illuminada e forte,
Aquelle juvenil e calido transporte
Desdobrava-lhe um véu de fulgidas chimeras,
Borboletas de luz que a noite esmagaria,
Quando o sol se escondesse, ao fim do ultimo dia,
Detrás do mausoleu das suas primaveras.

Pelo tranquillo azul dos grandes olhos d'ella
Inflammava-se o amor, assim como uma estrella
Que rasga em fogo o céu das noites socegadas,
E adormecia ao som de musicas suaves,

N'um berço casto e bom, feito de pennas d'aves,
As suas illusões alegres e doiradas!

Mas no Paço já lavra a intriga peçonhenta;
O escandalo progride, e á proporção que augmenta,
O destino descobre, impertubavel, mudo,
O caminho que vae do berço ao cemiterio,
Dos páramos da vida ás sombras do mysterio,
D'onde tudo renasce e onde se abysma tudo!

E a sociedade então, serena e majestosa,
Erguendo a voz, dirá: «oh corações de rosa,
Que alegres vos abris em peitos de crystal,
Cerrae á luz do dia as urnas pequeninas,
Que jamais ha de o amor, em ondas diamantinas,
Encher-vos de ternura as bôcas de coral!

Transgredistes a rir as velhas convenções
De que eu vivo, e portanto, alegres corações,
Preciso de tirar uma desforra urgente:

Hei de vos esmagar nas minhas mãos de ferro,
E a peçonha mortal que no meu peito encerro
Ha de vos corroer a vida lentamente.

E escusaes de gemer de rastos sobre a lama,
Que, emquanto uma scentelha arder da vossa chamma,
Ella ha de illuminar-me um riso desdenhoso;
Não vos escutarei, oh corações maguados,
E só quando vos vir inertes e gelados,
Vos hei de então deixar, no tumulo, em repouso!
....
....

Entrou pelo salão um pagem da Rainha.
Dirigiu-se a Camões. Na mão pequena tinha
Uma ordem d'el-rei. Camões sobresaltado
Recebeu-a, e, fingindo o animo sereno,
Beijou, com a meiguice ideal do nazareno,
Do pagemzito imberbe o rosto avelludado.

Catharina escutou, cheia de susto, o amante,
Que lia a meia voz a ordem terminante:
«... De abandonar o reino o poeta cavalleiro

Luiz de Camões, porque ama uma fidalga rica,
Elle, um poeta pobre!»...

A sociedade fica
Vingada pela mão d'el-rei D. João III.

Ouviu-se o grito pungente
D'um coração fulminado...
... Ao fundo o Christo chagado
Tinha, entre os lumes do altar,
Menos viva a luz do olhar
E o rosto mais desbotado...

Catharina, a debil planta
Curvada ao sopro do vento,
Estava sem movimento,
Fria nos braços da Infanta!
E a filha de Gil Vicente,
Sentada ao orgão plangente
Que geme e chora, termina,
N'uma tremula harmonia,
A vasta melancholia
Da missa de Pallestrina.

II

ADEUS

II

ADEUS

Partir e não saber se voltará depois!...
A incerteza que esmaga o peito dos heroes
Ao deixarem na patria as affeições mais puras,
Que a dor póde lançar nas frias sepulturas,
Invadia tambem a alma delicada
Do poeta, como a noite escura e desgrenhada
Repassa o vago tom da luz crepuscular...

Ía partir, dizer ás vastidões do mar,
Aos mortos areaes das plagas solitarias,
Ás florestas sem fim, aos corações dos párias,
A tudo quanto ao longe em sombras se lhe erguia,
A dôr desamparada, a funda nostalgia
Que em lagrimas de fel, choradas lentamente,
Lhe havia de queimar o coração doente!

O desterro! o desterro! a sêde abrazadora
D'um triste que cegou e pede a toda a hora
Ao sol que lhe dê luz e á luz que lhe dê vida,
Que o deixe contemplar a patria estremecida,
A terra que elle adora, as arvores gigantes,
As montanhas aonde em pequenino, d'antes,
Costumava subir, a egreja, o presbyterio,
A casa onde nasceu, e ao largo o cemiterio
Em que descança já, morta de mágua enorme,
Sua mãe, e talvez onde tambem já dorme
Ella! a mulher, o ideal do seu primeiro amor!
O desterro! o desterro! os dias sem calor,
As noites sem luar, as madrugadas frias,
O vento a sibilar nas velhas penedias,
E nas sombras da noite e no rugir do vento
O peso esmagador d'um grande desalento!
O desterro! o desterro!

Antes de se ausentar,
Desejava Camões ainda uma vez beijar
Da fidalga gentil o desmaiado rosto,
Em cujo olhar já via as sombras do sol posto
E a candida expressão d'uma ave agonisante,
Ferida, em pleno azul, na aza palpitante.
Iria tambem dar o abraço derradeiro
Ao grande coração de Bernardim Ribeiro,
Ao amigo infeliz, ao triste confidente
Do seu fatal amor, que muito velho e doente
Chorava no deserto as criminosas faltas
Da sua mocidade, entre as montanhas altas
De Cintra, n'uma casa humilde e abandonada.

N'uma tarde d'abril risonha e socegada
O velho Bernardim seguia com o olhar
Pelo tranquillo azul purissimo do ar
Uma nuvem subtil de passaros joviaes;
Tinham-se erguido a rir dos platanos reaes,
E ao longe, no recorte opaco das montanhas,
Traçavam pelo espaço as linhas mais extranhas.
Seguindo-os com o olhar amortecido e suave,
Voava-lhe tambem a phantasia, essa ave
Que abre dentro de nós as azas esmaltadas,
E sobe ao alto, ao alto, ás noites ignoradas

Dos espaços sem luz, das regiões da neve,
Onde o homem não vae e a aguia não se atreve.
No espirito febril de Bernardim Ribeiro
Deslisavam talvez do seu passado inteiro
As loucuras ideaes, as afflicções sombrias,
O cortejo sem fim das mortas alegrias,
A que a saudade, ha muito, erguera um mausoleu
Dentro do coração e por detraz d'um veu,
Como a flor que apparece entre a densa neblina;
Contempla ao certo ainda a Infanta que se inclina
Abandonando a mão pequena e delicada
Aos beijos da sua alma ardente e desvairada!
Accordou-o Camões do extasis profundo,
E elle baixou do azul aos pantanos do mundo,
E ouviu a narração singela e commovida
Das desgraças do amigo. A sua triste vida
Reflectia-se n'elle.
Um rouxinol, na matta
Escondido, desprende em lagrimas de prata
A lendaria canção da sua vida obscura;
Nas grutas naturaes cavadas na verdura
Lamentam-se, na paz dos lagos socegados,
As cascatas senis e os satyros toucados
De roseiras em flor.
Muito ao longe, no poente,
Expira como um justo o Sol serenamente.

Ás nobres expansões, commovidas e francas,
Do amigo desgraçado, as longas barbas brancas
Do velho Bernardim molharam-se de pranto,
E tremulo, convulso, alevantou-se, emquanto
Pedia ao coração o balsamo, o vigor,
Que suavisasse o fel d'aquella immensa dôr!

«Vae, disse o velho, vae ás regiões do Oriente;
Tu és robusto e são, és forte e és valente;
Veste o corpo de ferro e a alma de coragem;
Implanta a cruz de Christo onde vires a imagem
Das luas infernaes de Mahomet. Procura,
Sobretudo, trazer a consciencia pura
E limpo o coração... Nos combates renhidos
Enterra a espada toda em peitos destemidos
Que luctem contra a Fé Catholica Romana;
É assim que se lava a consciencia humana,
Aos olhos do Senhor, das manchas do peccado,
E o enthusiasmo aquece o peito do soldado
Que orgulhoso antevê, ao clarão da victoria,
O seu nome a brilhar nas paginas da historia.
Mas não te empenhes só nas luctas do teu braço;
Tu tens na alma, filho, um luminoso espaço,
No qual do teu engenho as aguias gloriosas
Hão de as azas abrir, altivas e nervosas!

Atravessa tranquillo as provações do exilio,
Lucta como Scipião, canta como Virgilio,
Combate e escreve; assim, tu voltarás depois
Para depor no altar que a patria ergue aos heroes
A penna de poeta e a espada de guerreiro...
Eu sei, Camões, eu sei que has de fazer primeiro
O sacrificio atroz das illusões queridas;
Quando mortas no chão, dispersas, resequidas,
Vires que nunca mais o orvalho as aviventa,
Sentirás o punhal d'uma agonia lenta,
Soffrerás uma dôr tão intima, tão funda,
Que jamais o prazer que os corações inunda
Reflorirá no teu as hastes vigorosas
D'esse risonho abril que se desata em rosas.
Em horas tão crueis, longe da patria, escuta:
Procura a sancta paz d'uma sombria gruta
Junto do mar, e alli chora sósinho, chora
Os extinctos clarões d'uma longiqua aurora;
E pelo espelho azul da tua mocidade
Verás então, do luar na mansa claridade,
Perpassando subtis e alvas como o arminho,
As candidas visões que atraz, no teu caminho
Ficaram, sem poder, tomadas de cansaço,
Arrastal-as comtigo a força do teu braço!
Verás então o olhar da tua loira amante,
Turvado pelo veu das lagrimas, distante,

No horizonte da patria, a contemplar o teu
Na angelica expressão do seu amor, e eu...
E eu! falar de mim, que mágua e que loucura!
Eu dormirei então na pobre sepultura
Aonde a caridade o corpo me lançar,
E em que as aves do ceu nem vão talvez poisar;
Nos gelos sepulcraes d'um mundo subterraneo,
Hão de os vermes roer, entrando no meu craneo,
O cerebro que em vida as frescas primaveras
Povoaram de illusões e fulgidas chimeras,
E invadindo-me o peito hão-de sugar-me então
Este gasto, infeliz e triste coração,
Que foi da minha vida o intimo verdugo,
Porque muito soffreu sob o pesado jugo
D'um desgraçado amor... Adeus! adeus! adeus!
N'este abraço final, que não consinta Deus
Que no teu peito infiltre o virus corrosivo
Do meu fatal destino!»

E o velho convulsivo,
Fitando no poeta o meigo olhar piedoso,
Nos braços apertou o peito generoso
Do amigo, a soluçar n'uma saudade infinda.
Camões partiu, depois de lhe beijar ainda
A cabeça e as mãos.

Separaram-se os dois.
Ouviam-se na matta os tristes rouxinoes
E o monotono som das aguas murmurosas.
É já noite! Á mudez das sombras mysteriosas,
Na tristeza fatal dos grandes desgraçados,
O velho poeta ergueu os olhos constellados
E ficou-se a escutar, n'um extasis profundo,
Os rouxinoes, a agua, a natureza, o mundo!

III

NUNCA MAIS

III

NUNCA MAIS

N'UMA lancha á flor das aguas
Do mar solitario e brando,
Com a alma fluctuando
No oceano das suas máguas,
Vae o poeta scismando
N'uma tristeza sombria.

A noite é humida e fria:
As ondas gemem distantes
Na praia, como gigantes
Que se estorcem moribundos
N'uma pesada agonia.

Na sombra dos horizontes
Ha uns mysterios profundos,
Umas esphynges secretas;
As curvaturas dos montes
Da lua ao baço clarão
Parecem grandes prophetas
Prostrados em oração.

Das aguas mansas, quebradas
Pelos remos fluctuantes,
Nascem milhões de brilhantes
Em luminosas golfadas.

Erguem-se as vozes cansadas
E tristes dos catraeiros
N'uma vaga melopêa,
Como as canções arrastadas

Das mães que embalam os filhos!
A lua tranquilla e cheia
Envolve as ondas do mar
N'um veu bordado a vidrilhos
Pelas finas mãos do luar!

O barco atracou ao caes.
Na grande janella aberta
Dos velhos paços reaes
A fidalga palpitante
Julgava perder a vida
Ao caír desfallecida
Nos braços do seu amante!

(Camões approxima-se da janella baixa dos Paços da Ribeira. Catharina encosta-se ao peitoril.)

O POETA

Cumpra-se a ordem d'el-rei!
A elle pouco lhe importa
A nossa mágua sombria...

CATHARINA

E eu nunca mais te verei;
Quando voltares um dia,
Has de encontrar-me já morta...

O POETA

Morta!

CATHARINA

D'amor e saudade.

O POETA

A alma vive de esperanças...

CATHARINA

A minha é como as creanças
Que morrem na orfandade.

O POETA *(animando-a)*

Que desalentos os teus!
Anjo, tu has de viver!

CATHARINA

Os anjos chama-os Deus,
Se os vê no mundo a soffrer.

O POETA

Socega e escuta: o destino
Vae separar-nos em breve;
Mas posso eu deixar-te assim?
Verga-te o corpo franzino,
Vejo-te fria de neve,
Estás da côr do marfim...
Verás que alegre surpreza
Quando eu regressar um dia...

CATHARINA

Adeus, ó minha alegria,
Que eu vou morrer de tristeza!

O POETA

Escuta: quando eu voltar,
El-rei, o proprio D. João,
Ha de pegar-te na mão
E conduzir-te ao altar
Onde estarei; desde então
Só Deus nos póde apartar:
Ora Deus bem se condóe
Dos desgraçados, portanto
Não quero ver-te esse pranto
Nos olhos... Hei-de voltar,
Mas rico e nobre, um heroe
Que tu has de abençoar!
E depois, que bellos dias,
Que formosas primaveras
D'amor, por entre os rosaes,
Onde tu, pomba, me esperas!

CATHARINA

Ai, nunca mais! nunca mais!

O POETA *(lançando-lhe ao pescoço um fio com uma medalha pendente)*

Fica-te n'essa medalha
O meu retrato, procura...

CATHARINA

Leval-o p'ra sepultura
Entre as dobras da mortalha!

O POETA

Não! mas procura occultal-o
Ao rei, aos padres, á côrte.

CATHARINA

Só poderão arrancal-o
Ás mãos geladas da morte!
....
....

E alli, n'aquelle momento,
Á alta temperatura
D'um supremo sentimento,
Caíram no chão desfeitos
Os austeros preconceitos
De raça e as distincções
Da sociedade, perante
O calor febricitante
D'aquelles dois corações!

No beijo ardente e profundo
D'esse longo adeus afflicto,
Não os separou o mundo,
Separou-os o infinito!

A lancha largou do caes
E fez-se ao largo no Tejo;
Camões escutava ainda
O som do ultimo beijo.
E entre lagrimas e ais
Essa extranha prophecia:
«Ai, nunca mais! nunca mais!»

A manhã arrefecia
Ao rijo sopro do norte;
Na grande janella aberta
Dos velhos paços reaes,
Como as estatuas da morte,
De pé, immovel e fria,
Catharina repetia:
«Ai, nunca mais! nunca mais!»

TERCEIRO CANTO

I

MORTA

I

MORTA

Na capella real do velho paço havia
Um grande movimento; o sino da agonia
Soluça na amplidão da noite borrascosa.
A amante de Camões tão nova e tão formosa
Vae morrer dentro em pouco; a hostia consagrada,

Para que possa entrar na eterna madrugada,
Irá levar-lhe á alma, ao coração pungido,
Força para exhalar o ultimo gemido
Na timida expansão da derradeira prece...
N'esse instante a consciencia offusca-se e estremece,
Apaga-se a razão no extremo paroxismo,
E a morte deve ser um tenebroso abysmo
Cheio de imprecações e ironicas risadas,
Soltas d'um turbilhão de sombras condemnadas...
É então, quando sente o raciocinio morto,
Que a fé nos grita «vem!», e leva-nos ao porto
Da bemaventurança...

Oh, espirito moderno,
Tu. que negas o céu e que te ris do inferno,
Que fulminas o dogma e arrasas a Escriptura,
Que chamas illusão á mystica ventura
Da vida eterna apoz a morte d'esta vida
Tão cheia de afflicções, tão curta e tão dorida;
Tu, que obrigaste um Deus, que dominava tudo,
A saír cabisbaixo, envergonhado e mudo,
Dos pavilhões do céu, onde a sciencia agora
Anatomisa, á luz d'uma serena aurora,
Os corpos colossaes que giram pelo espaço,
Custa-te a comprehender esse apertado abraço,

A ancia com que outr'ora a religião ligava
A alma que partia á crença que a levava...

N'um cansado estertor, debatia-se o peito
Da creança infeliz. No seu pequeno leito,
Amortecido o olhar, tinto de febre o rosto,
Como as nuvens do céu á hora do sol posto,
Dispersas, sobre a roupa, as tranças d'ouro fino,
Escuta resignada a voz do seu destino
A moribunda flor...
Dois annos são passados:
O amor, as afflicções, as rezas, os cuidados,
As noites sem dormir, e por sobre isto tudo
O desalento, assim como um punhal agudo
Sempre no coração, pozeram lentamente
No regaço da morte essa existencia doente.

No quarto ergue-se ao fundo o grande altar forrado
De damascos de Lucca, onde um crucificado,
Entre as jarras da China e as pratas do Japão,
Tolera silencioso esse esplendor pagão,
Inclinando no peito a fronte resignada...
Sobre o tapete reza em lagrimas banhada

A rainha, e ao pé d'ella as damas e açafatas
De rastos pelo chão, em prostrações beatas...

Perto do leito um padre esguio e macilento
Contempla a moribunda e procura o momento
De lhe pedir, baixinho, inda uma vez, que esqueça
A imagem que ella tem no coração impressa
Em hora tão solemne. O padre bem sabia
A tragica paixão contada dia a dia
De joelhos a seus pés.
Elle era o confessor
Que tanto castigára esse funesto amor
Na dura penitencia imposta rudemente
Á virgindade ideal d'essa alma transparente.

(O padre confessor, sentindo approximar-se o Viatico, desperta a moribunda.)

O PADRE

Approxima-se o Senhor,
Filha; que grande alvoroço

Vaes sentir no coração...
Esmaga pois esse amor,
Essa profana paixão...

CATHARINA *(desfallecida)*

Não posso, padre, não posso...

O PADRE

Ao penetrar os humbraes
Da Eternidade, procura
Abafar a voz impura
Das tentações infernaes...
Prepara a tua consciencia,
Põe em Deus o ultimo olhar,
Elle é Pae e Senhor nosso,
Ha de te emfim perdoar...

CATHARINA

Não posso, padre, não posso...

O PADRE

Tu morres impenitente,
Pobre creança...

CATHARINA

Não!.. não!..
Deus tem no meu coração
Um culto sincero e ardente...

O PADRE

Mas esse amor condemnado...

CATHARINA

O soffrimento o redime,
Este amor... Se elle é um crime,

Tem sido bem castigado...

....

E apertava nas mãos essa medalha aonde
—Avarenta do amor— o seu thesoiro esconde,
Medrosa de que alguem, quando ella dorme ou reza,
Lhe inveje esse retrato e roube essa riqueza.

O padre então ficou immovel e sombrio,
Fitando-a com o olhar desanimado e frio,
Como o abutre contempla a pomba estrangulada
Em plena primavera, á luz da madrugada.

Ao longo dos salões e vastos corredores
Os fidalgos, el-rei e os velhos servidores
Do paço, íam seguindo em lenta procissão,
Cantando, como ordena o ritual christão,
O hymno ao sacramento...
A umbella ia na frente,
Bordada a oiro fino e perolas do Oriente,

Como o rico docel do throno d'um nababo;
Depois el-rei, depois ía a nobreza, e ao cabo
Os servos a cantar, curvadas as cabeças,
Como um côro infernal de victimas oppressas.

Sobre o Tejo pairava um temporal desfeito:
As ondas em cachões erguiam-se do leito,
Espumantes de raiva, assim como serpentes
Luctando n'um deserto em convulsões ardentes;
O vento fustigava as tremulas vidraças,
Tinha na voz sinistra os gritos, as ameaças,
Que findavam depois n'um languido gemido,
Como após o combate um luctador vencido.

Catharina ao tomar a communhão sentia
Fugir-lhe a luz do olhar na treva densa e fria
Da morte... era chegado o ultimo momento...
O cortejo saíu, e o hymno ao sacramento,
Como um canto febril de afflictos corações,
Morria a soluçar pelos vastos salões
Ao longe...
No silencio ouvia-se o estertor,
Da agonia final... O padre confessor,

Silencioso, em pé, cruzára as mãos no peito...

....

Quando *tudo* acabou, correu por sobre o leito
As cortinas de seda, ante a rainha absorta,
E disse seccamente esta palavra: «morta».

II

SOBRE AS AGUAS

II

SOBRE AS AGUAS

CAMÕES voltava emfim do seu longo desterro.
Como que se lhe abria um carcere de ferro,
Onde, sem luz, nem ar, ao coração afflicto,
Se gemia uma queixa ou se soltava um grito,
Sómente respondia um silencio profundo.

Voltar do exilio á patria é vir do inferno ao mundo:
E deixar o martyrio, o desalento, as máguas,
E sobre o fresco azul pacifico das aguas,
Repassando os pulmões de força e de saude,
Erguer o olhar do céo á doce beatitude,
Ver perto a casa, o lar, uma existencia quieta,
Tudo o que o pensamento em sonhos architecta
Quando o aquece o amor e o esmalta a phantasia...
Dissipava-se a noite á luz d'um novo dia,
E respirava emfim desopprimidamente.

Camões voltava pobre e fatigado e doente.
Vinha com elle o Jau, esse modesto escravo,
Seu amigo leal, um destemido, um bravo,
Em cujo olhar sorria uma alma crystallina.
Acompanhára-o sempre em Africa e na China
Combatendo ao seu lado... Era um thesoiro o Jau!...
Quando na solidão da gruta de Macau
Camões lhe recitava os versos palpitantes
Ante a orchestra febril das ondas espumantes,
Que Deus rege do azul, o escravo subjugado
Rojava-se-lhe aos pés em lagrimas banhado,
Humilde como um cão!...

Na solitaria gruta
O genio dominava a natureza bruta!..

Vinha a bordo tambem um poeta moribundo.
Espirito gentil e coração profundo...
Era Heitor da Silveira, o amigo de Camões,
Que entre as nevoas da morte, aos ultimos clarões
Da existencia, pedia uma restea de vida
Que o levasse inda a ver a patria estremecida
Ao menos uma vez!... E a patria estava perto!...

Sobre o crystal do oceano o sol, a descoberto.
Como um topasio enorme, em jorros, illumina
Essa manhã d'abril formosa e diamantina...
A alegria repassa as almas dos soldados,
Que reprimem no peito as expansões e os brados
Que hão de estalar depois, n'uma forte explosão,
Como a lava que rompe a crosta d'um vulcão,
Quando surgir ao longe a terra promettida.

Camões scismava então na sua triste vida:
Que desgraçado elle era!... O amigo moribundo,
Antes de ver a patria, ía deixar o mundo,
Ía partir, morrer, e, o que mais o tortura,
Talvez nos braços d'elle! Amarga desventura!
Morreria tambem, se á flor do sentimento
Lhe não boiasse a fé n'esse cruel momento.

Mas elle tinha o orgulho, a convicção suprema
De que a gloria da patria estava no seu poema,
N'esse livro immortal, escripto nas tristezas
Do exilio, entre os canhões das velhas fortalezas,
Junto do largo mar!...
Esplendido thesoiro!
Valia muito mais do que essas minas d'oiro
Arrancadas, á luz d'uma ambição fervente,
Aos flancos colossaes das montanhas do Oriente.

A sua voz, cantando os epicos gigantes,
Levados pela fé aos pontos mais distantes
Do globo, entre o rugir das broncas tempestades,
Vencendo heroicamente exercitos, cidades,
Destruindo, arrasando os cultos immoraes,
Supportando o rigor dos climas tropicaes,
E erguendo em toda a parte o grito da victoria;
A sua voz dirá ao universo a historia
D'uma raça de heroes, d'uma nação de athletas,
Que tinha a inspiração nervosa dos prophetas
E o assombroso vigor dos gregos destemidos.
A historia, as tradições dos tempos decorridos,
O ardor peninsular, os dogmas religiosos,
O mysticismo ideal dos corações piedosos,
Que arrastára Colombo á temeraria empresa

E o padre Santo Ignacio á cova de Manresa,
As correntes do sangue e os impulsos da raça,
Emfim, tudo o subjuga, emfim tudo o repassa
D'esse influxo febril, o cumulo da idéa,
O genio! o immenso sol, que da grande epopéa
Lhe tinha fecundado as flores immortaes...

Na tragedia sem fim dos velhos temporaes,
O oceano alevantára os monstruosos braços
Das ondas, ao clarão sinistro dos espaços,
Para lhe arrebatar, n'uma loucura extrema,
A existencia, a fortuna e a sua gloria — o poema!
Mas elle então, heroe! mais forte do que o oceano,
E muito mais audaz, n'um esforço sobrehumano,
Gritou-lhe «hei-de vencer-te!», e atirando-se ás vagas,
Entre um côro infernal de rugidos e pragas,
Salvando omnipotente as guelas dos abysmos,
Resistindo ao furor dos rudes cataclysmos
Nos desertos do mar, em fremitos arroja
O poema victorioso ás praias de Camboja!..

Que o diga Deus, que alem, nos páramos distantes,
Suspenso entre os vulcões das nuvens fluctuantes

A vomitarem fogo, o espreitava e sorria,
Louvando-lhe o vigor da extranha valentia...

Voltava novamente á terra em que nascêra.
Que mudanças, Senhor! ninguem na patria o espera.
Seu pae tinha morrido; os amigos, tambem,
Levara-lh'os a guerra; apenas sua mãe,
Uma pobre velhinha adoentada e triste,
Cansada de soffrer, lhe dizem que ainda existe ;
E a fidalga gentil, a sua loira amante,
Que elle sentia já nervosa e palpitante,
A pedir-lhe e a escutar as longas narrações
Do seu triste viver no fundo dos sertões,
Sobre as ondas do mar, nas refregas, na lucta.
Ou sósinho, na paz d'essa tranquilla gruta,
Onde ella tanta vez, em fórma de visão,
Sorrindo, lhe beijára o rosto e o coração...
Tinha tudo mudado!.. El-rei D. João III
Tambem já não vivia, e Portugal inteiro,
Esse sonho da Europa, essa opulenta herança,
Repoisava nas mãos d'uma debil creança
Com a cabeça doida e o coração fanatico...

———

Sobre as aguas, a nau, como um passaro aquatico,
Vogava brandamente em direcção á terra...
Cintra mostrou ao longe os pincaros da serra,
E então um côro enorme, um grito estrepitoso,
Estremeceu no espaço!..

Heitor, febril, ancioso,
Quiz erguer-se e caíu, sem vida, bruscamente,
Nos braços de Camões!......................
....

III

CRENÇA EM DEUS

III

CRENÇA EM DEUS

Curvada pela edade, a mãe do poeta reza
Em frente do oratorio; uma densa tristeza
Turva-lhe o doce olhar em lagrimas banhado...
As saudades que tem do filho desterrado
Pungem-lhe o coração... Ella está pobre e doente
N'aquella triste casa em que a morte recente
Do marido a deixou desamparada e velha...

Nunca mais viu brilhar uma unica scentelha
De alegria e de amor na sua noite escura;
Sempre sósinha alli, como n'uma clausura,
Espera resignada a eterna liberdade...

Entre os gelos crueis d'uma provecta edade
Abrem-se á luz do céu as petalas da crença,
E a alma paira então assim como suspensa
N'um raio de luar com que Deus a convida
A subir, a subir á patria promettida...
Nos pantanos da terra o luar da religião
Illumina um crystal purissimo — a oração —,
Atravessando o qual, em toda a nitidez,
O triste olhar da fé contempla muita vez
A recompensa ideal que Deus reserva áquelle
Que a sociedade engeita e a compaixão repelle.

A velhita rezava em lagrimas banhada;
Foi então que sentiu subindo pela escada,
Vertiginosamente, uma pessoa, alguem
Que gritava:

— Sou eu, aqui estou, minha mãe! —
E nos braços do filho a velha surprehendida,
A chorar, a tremer, caíu desfallecida

E sem poder falar...
—Minha mãe, minha mãe,—
Dizia-lhe Camões —sou eu, aqui me tem!...—
Ella então murmurou, ao ver nos olhos seus
Brilhar de novo a luz:
—Bemdito seja Deus!...
Bemdito seja Deus!..—

Entre as portas da sala,
Escondido na sombra, o pobre escravo exhala
Um intimo suspiro... elle tambem pensava
N'aquella triste mãe que lhe ficára em Java
Quasi morta de dor... Nunca mais a veria!...
....
Na cruz agonisava um Christo humildemente
Entre as vélas do altar.

Camões falou do Oriente,
Dos combates no mar, d'essas horas passadas
Luctando entre o fragor das ondas sublevadas...

E ao ouvil-o falar, a velhinha tremia
De susto e de terror...
Pintou-lhe a nostalgia,

As saudades da patria e da familia, o medo
De nunca mais voltar do aspero degredo.

Ella então descreveu-lhe a sombria tristeza
Em que vivia alli no luto e na pobreza...
—E voltas rico, tu?—
—Riquissimo! aqui tem
Uma riqueza enorme!—E ao regaço da mãe
O poema arremessou...

Depois falou da amante;
A velha estremeceu... —Que delicioso instante.
Que surpreza, Senhor, elle ía preparar
Ao seu amor...—
Mas vendo a mãe a soluçar
Estremeceu tambem... perguntou-lhe o que tinha,
Porque chorava assim...
E a tremula velhinha.
N'uma lucta cruel a debater-se, então
Disse-lhe a meia voz:
—Não partas, filho, não...
Não a pódes já ver... ella vive no céu...—
—O que diz, minha mãe? não posso já...—
—Morreu!...

Resigna-te... Foi Deus que assim o quiz, meu filho. —

. . . .

O poeta cambaleou no pavimento, o brilho
Da razão offuscou-lh'o a noite da loucura,
E ao pensar na mudez d'aquella sepultura
Onde immovel e fria a amante repousava,
N'uma suprema dor, chorando, blasphemava!...
Mas como ouvisse a mãe a murmurar baixinho:
«Bemdito seja Deus», sentiu, n'um redemoinho
De fortes sensações fugir-lhe a luz da crença;
E na sua alma então a duvida suspensa
Tinha a sinistra côr d'um passaro nocturno...

. . . .

O POETA *(n'uma sombria expansão,*
depois de um silencio prolongado)

Foi Deus quem m'a roubou na flor das primaveras;
Ao sinistro fulgor das lividas espheras,
Vejo-a junto do altar das victimas formosas,
Que se vestem de branco e se toucam de rosas,
Sorrindo ao sacrificio, ao mystico noivado
Que deve ter logar no azul immaculado
Dos páramos do céu...

Que importa que ao voar
Deixem no horror do luto as mães a soluçar,
Enchendo os corações de lagrimas pungentes,
Seguindo com o olhar, febrís, inconscientes,
O cadaver que vae sumir-se n'uma cova!
Se a filha é fresca e pura e delicada e nova,
Se é flor que o sol creou, deve esfolhal-a o vento;
Ha um Deus que se esconde atrás do firmamento,
Que é como a hydra fatal que exige um bom tributo
De corpos juvenis... Que importa a dor e o luto!...
Parti, deixae-nos, ide, ó pombas innocentes,
Tomae o casto véu das nuvens transparentes,
De estrellas inundae os fulgidos diademas,
Desfazei n'um sorriso as coleras supremas
E, aves brancas do céu, entrae na Eternidade
Sem macular o alvor da vossa virgindade!...
....

(A velha cáe de joelhos a chorar, com as mãos erguidas deante do oratorio. O poeta, depois de um extasis momentaneo, continúa:)

Nunca mais! nunca mais!... Inda me lembro, quando
Eu te vi tanta vez, junto ao sol-posto, olhando
As nuvens pelo azul vastissimo e profundo,
Da triste inspiração, do mau presentimento

Que infligia á minha alma um lugubre tormento:
— Que tu, anjo de Deus, ías deixar o mundo...

Dezoito annos!... um mimo, um sonho, uma illusão,
Um rosario de luz cingindo um coração
Que estremece do amor na cerula harmonia...
Dezoito annos!.. a vida em borbotões de esperança...
Um sorriso!... uma flor!... Pobre, infeliz creança!
E póde arrebatar-te a rude ventania?
Póde o fogo queimar-te as azas palpitantes,
E fazer-te cahir das regiões distantes,
No charco onde apodrece a carne inanimada!...
E quiz a mão de Deus, do Inferno ou do Destino,
Lançar-te n'uma cova, a ti, lyrio divino
Cujo collo se abria á luz da madrugada?!
....

(A velha tremia de terror ouvindo o filho a blasphemar. Camões continúa n'um desespero crescente:)

Foi Deus quem te arrancou das tranças virginaes
A grinalda de noiva e o véu dos esponsaes,
Tornando em noite escura a tua branca aurora...

... Como hei-de eu crer em ti, ó Deus endurecido,
Que soltas um sorriso em troca d'um gemido,
E enterras o punhal n'um peito que te adora!

Como hei de eu crer em ti, ó Christo legendario!
Se acaso ergueste a voz no cimo do Calvario
Implorando o perdão, a lei que regenera,
Como é que não te ouviu teu pae, o Padre Eterno,
E fez da terra toda um monstruoso inferno,
Em que o amor é um sonho e a vida uma chimera?!
....

Mas não! ou tu és bom ou não existes... Eu,
Se te interrogo, erguendo as minhas mãos ao céu,
Não me respondes, tu, que és pae dos desgraçados!
Como hei de eu crer em ti, ó Deus secreto e mudo,
Que do nada creaste e organisaste tudo,
Se á minha immensa dor teus labios são fechados.

Se és pae, eu sou teu filho, e quando um filho soffre
O peito de seu pae é um precioso cofre
Que se abre a recolher-lhe os prantos e os gemidos;
Tu devias portanto erguer-me nos teus braços,

E estreitar, pelo amor, os apertados laços
Que aos paes uniram sempre os filhos opprimidos.

Se te vejo a orar nas solidões do Horto,
Se te vejo na cruz enregelado e morto,
Ou subindo no azul translucido e sereno,
Ou conchegando a ti as loiras creancinhas,
Como um bando gentil de castas andorinhas,
Eu amo-te, Senhor, Jesus, não te condemno;

Mas, quando a tempestade horrivel se accumula,
Quando a morte brutal nas garras estrangula
Uma doce creança alegre e palpitante,
E oiço o mundo a gritar: «Bemdito seja Deus!»,
Sinto rugir no peito o côro dos atheus:
«Maldita sejas tu, chimera repugnante!...

Maldito sejas tu, que ha mais de seis mil annos
Despedaças a rir os corações humanos,
Que te dão ao morrer um beijo ensanguentado...
Maldito sejas tu, ó Deus inconsciente,
Trindade monstruosa, espirito inclemente!...
Filho de Jehovah, Jesus crucificado!...

Maldito sejas tu!... maldito sejas!»

(O poeta, vendo a mãe tremula deante do altar e o Christo resignado na cruz, sente a violenta reacção da crença catholica e prostra-se de joelhos n'uma explosão de lagrimas.)

Não!...
Bemdicto sejas tu! Perdão, Senhor, perdão...
Perdoa esta blasphemia ao desespero, á dor;
Entre os brilhos ideaes da tua gloria immensa
Tu tens, para quem soffre, inda um balsamo—a crença;
Senhor, eu creio em ti, perdoa-me Senhor!...

Eu vi-te muita vez na cerração dos mares,
E um sorriso dos teus, um só dos teus olhares,
Dava-me luz á alma e força ao coração...
Se me vias dormir, prostrado de canceira,
Tu vinhas-te assentar á minha cabeceira;
Eu creio, eu creio em ti: perdão, Senhor, perdão!...

Hei de me consumir n'esta saudade enorme;
Direi ao fundo amor que me subjuga: «dorme!»
E elle ha de no meu peito adormecer talvez...
E tu, noiva gentil, e tu, pomba de neve,
Aguarda-me no céu, que eu partirei em breve!...
Deus ha de me chamar... espero a minha vez!...

E o poeta sentiu, olhando o Christo morto,
Cahir no fundo d'alma o balsamo, o conforto;
Extinguia-se ao largo o côro dos atheus...
O pobre escravo então, inda na sombra, olhava
O filho que gemia e a mãe que murmurava
«Bemdito seja Deus! Bemdito seja Deus!»

IV

SAUDADES

IV

SAUDADES

Um destino cruel vergava lentamente
O desgraçado poeta; aquelle olhar ardente
Ía perdendo a luz. Tinha as faces cavadas,
De tanto meditar, por noites desveladas,
N'um mundo d'illusões, chamando á luz e á vida
O cadaver que tem, da amante estremecida,

Sempre no coração... Dias de desalento
N'uma sombria dor, sem ter um só momento
De conforto, e depois a miseria, a tortura
De contemplar a mãe que se afflige e procura
Diminuir-lhe o mal pedindo esmola, tudo
O faz andar assim desalentado e mudo,
À espera de que Deus, que é bom e generoso,
Lhe diga: «é tempo já, concedo-te o repouso,
Pódes emfim dormir o derradeiro somno».

Ao sol posto Camões, pelas tardes d'outomno
Quando a brisa desfolha as arvores e as flores
E se abrem pelo espaço as azas dos condores
Cortando o azul nublado imperturbavelmente,
Quando se ouve o gemer da natureza doente,
E anda na atmosphera um desconforto occulto,
Que aviva dentro da alma o mysterioso culto
Das tristes affeições crestadas pelo pranto;
N'essas tardes, Camões sente um suave encanto
Em escutar no templo as mysticas verdades...
Chora-lhe o coração repleto de saudades,
E julga estar alli mais proximo de Deus,
N'uma paz que parece a paz dos mausoleus...
Alli ouve falar d'uma outra vida, aonde
Aos olhos d'este mundo o firmamento esconde

As almas que têem fome e sêde de justiça,
Fazendo-as assistir áquella eterna missa
Em que se escuta a voz dos cherubins envoltos
Nos doirados anneis dos seus cabellos soltos...

Por isso elle se arrasta á egreja dos jesuitas,
Paralytico, e vae, n'essas horas bemditas,
Buscar o summo bem, a mansa beatitude
Que o seu destino abrande amargurado e rude...
Sua mãe vae tambem, muito velha e curvada,
E atrás dos dois o Jau, com a fronte inclinada,
Pensando, ao contemplar o grupo solitario,
N'aquelle que pisou a estrada do Calvario:
O Christo, sua mãe, e atrás o Cyreneu
Que ao subir a ladeira ia subindo ao céu...

Os padres de Jesus, entre as grades, no côro,
Rezam a ladainha, esse piedoso choro
De que a egreja repassa as almas consternadas...
Das naves cáe a sombra; as imagens sagradas,
Immoveis no explendor dos nichos singulares,
Tem aspectos crueis, no fundo dos altares;
Oscilla a branda luz das lampadas pendentes;

De rastos pelo chão, os tristes penitentes
Espalham-se no templo...

O poeta silencioso,
N'um secreto bem estar, n'um intimo repouso
Pensa ás vezes na patria: a patria moribunda
Morreria talvez, — que mágua tão profunda! —
Ás mãos d'um rei qualquer, feroz como um chacal...
E um principe de sangue, um padre, um cardeal,
Neto d'esses avós illustres e valentes,
Que tinham commandado as hostes imponentes
Dos guerreiros da cruz, era quem dentro em pouco,
Na impotencia senil d'um cobarde ou d'um louco,
Ía a patria lançar no escuro captiveiro,
Entre as garras febris do despota estrangeiro!

Pobre D. Sebastião! malfadada creança!
A que mãos foi parar a tua rica herança!
Eras um bravo, tu, rei destemido e forte...
Não soubeste viver, mas affrontaste a morte,
Firme como um heroe; se o sangue portuguez
Salpicou a ferver as ameias de Fez,
E em ondas inundou as plagas africanas,
Tu, suicida sublime, ás hostes mauritanas

Mostraste, a combater, escravo do teu erro,
Que tinhas peito de aço e musculos de ferro!

Arrastaste comtigo a patria á perdição:
Que a historia te perdoe, robusto coração...

E o rosto de Camões molhava-se de pranto...
Chorava o seu ideal despedaçado, emquanto
Vibravam pelo templo os canticos ferventes
E o confuso rezar dos tristes penitentes
Que beijavam o chão...
Junto do poeta, ao lado,
Na humildade brutal d'um leão domesticado,
Espera o Jau! lá fóra a pobre mãe anciosa,
Muito velhinha e só, estende a mão rugosa,
Occultando n'um véu o rosto emmurchecido,
E supplíca uma esmola...

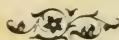
O poeta, recolhido
N'um profundo scismar, recorda-se da amante,
E repete baixinho a supplica constante
D'esse desfeito amor, d'essa saudade infinda:

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste;

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágua sem remedio de perder-te,

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo dos meus olhos te levou.

Reguengos — Junho de 1880.

TELAS HISTORICAS

A MEMORIA

DO

MARQUEZ DE POMBAL

O GRANDE MARQUEZ

O GRANDE MARQUEZ

I

Dois seculos crueis d'um fanatismo bruto
Encarnaram n'um rei carola e dissoluto.
E o mundo viu então o quadro lastimoso
D'um povo que foi grande, heroico e generoso,

Quebrada a tradição do seu valor potente,
Passivo, idiota e mau, rojar-se imbecilmente
Sobre os degraus d'um throno esphacelado e morto...

Foi el-rei D. João V esse piedoso aborto.

II

Dois seculos atraz, na montanha da historia,
Brilha como um pharol aquella immensa gloria
Que exaltou Portugal, fazendo-o subjugar
Os fremitos da terra e as convulsões do mar,
E que mostra os perfis, á multidão que passa,
D'um principe de sangue e d'um poeta de raça:
Do infante D. Henrique e de Luiz de Camões.

Vem descendo a ladeira as longas procissões
De povos e de reis, humildes e curvados,
A fronte decaida, os pulsos algemados,
Somnambulos, seguindo automaticamente,
O espectro que atravez d'uma noite inclemente
Os leva e os arremessa ao vortice do abysmo.

O espectro é Santo Ignacio; — a noite o jesuitismo!

Condensa-se de todo a nevoa densa e fria
Em Alcacer-Quibir, na tragedia sombria,
Onde o corpo d'um rei desamparado e novo
Morreu e se enterrou no coração d'um povo.

Cachetico, a tremer na purpura real,
Assenta-se no throno um velho cardeal.
Esse regio imbecil teve a loucura extranha
De entregar Portugal ás ambições da Hespanha,
Lançando-nos assim n'um carcere profundo
Onde, ao ver-nos soffrer, nos desprezava o mundo!
Foi então, foi então, no escuro captiveiro,
Que, humilhados á voz do despota extrangeiro,

Nós sentimos passar, submissos e poltrões,
Do cruel duque d'Alba os negros esquadrões,
Levando a ferro e fogo ás tristezas do oceano
Um principe real de sangue lusitano.

Vae decaíndo tudo em podridão e em lodo:
Toda a nossa grandeza, o nosso orgulho todo,
Os mais largos ideaes, a mais luzida fama,
Os feitos varonís d'Albuquerque e do Gama,
As conquistas d'Ormuz, de Malaca e de Goa,
Prodigios de valor que o universo apregoa,
Tudo se apaga emfim dos fastos da memoria.
Debruam-se de lucto as paginas da historia,
Quebra-se a tradição, a dignidade e o brio,
A consciencia tem medo e o coração tem frio.
A alma popular, desnorteada, geme
N'um mar de escravidão, sem bussola, nem leme;
Suffocam-nos de horror dois monstros singulares:
São o duque de Lerma e o duque de Olivares.

Entre as garras da fé chora a razão captiva;
Jesús morre outra vez, e o espectro de Acquaviva
É que resurge então, sereno e omnipotente,
Da campa solitaria ao espaço transparente!...

Continúa a descer o livido cortejo
De povos e de reis... Um ultimo lampejo
Esclarece um momento o escancarado abysmo...
Solta-se a rija voz do antigo patriotismo,
Vibrante de paixão nas solidões da noite,
E assim como do sul o tenebroso açoite
Agita e convulsiona um pantano maldicto,
Tambem esse febril, nervoso e extranho grito
Nos abala e revolve o intimo do peito.

Realisou-se a final o velho preconceito,
A constante visão d'esse funesto somno:
—Um cão faminto e magro a estrangular o dono...

A Hespanha errou, caíu.—Tiram-lhe a prova real
N'um dia a Catalunha e no outro Portugal.

Somos livres!...
Porém a decadencia avança
De Filippe III ao duque de Bragança,
Sanguinaria e cruel no seu caminho escuro.
Cresce cada vez mais o putrido monturo,
Onde a guerra desprega, esburacado e velho,

Aos vendavaes da morte, o seu pendão vermelho,
Como nodoa de sangue a fluctuar no espaço.
Sob o mesmo docel vivem no mesmo paço,
Confundidos n'um só, despotico e traidor,
Dois monarchas fataes — o rei e o inquisidor,
A estupidez e o ardil, o cumplice e o assassino,
O tyranno passivo e o despota leonino;
E na consummação d'esse medonho pacto
Jesus reina de nome e Satanaz de facto.

O sceptro cae nas mãos d'um rei devasso, rude,
Desvairado e plebeu. Sem força nem saude,
Mentecapto infeliz, apodreceu de medo
A tremer e a rezar na noite do degredo,
Imagem lastimosa, ou symbolo dorido
D'um reino sem vigor, estupido e perdido!...

Sobe em seguida ao throno o fratricida odiento
Que vem marcar na historia um tragico momento:
Abateu-nos então pela primeira vez
O pulso rijo e são do despotismo inglez,
Que inda hoje brutalmente o peito nos esmaga;
Methwen foi um punhal, e abriu a eterna chaga
Que verte o sangue e o fel das nossas agonias!

III

ABREM-SE á luz do sol as ricas pedrarias
Das minas do Brazil... As ondas rutilantes
D'um mar de oiro a ferver em 'spuma de diamantes
Inundam Portugal anemico e faminto;
É um deslumbramento, um sonho!...

D. João V

Sorri devotamente. O rei famoso e forte
Adora a gloria e quer sobreviver á morte.

Se é Deus quem lhe confia o esplendido thesoiro
É preciso ser grato, erguer-lhe um templo de oiro,
Pregal-o n'uma cruz de prata, cravejada
De brilhantes de preço... e a Europa subjugada
Ha de saber então que o rei que assim se expande,
Se é religioso e bom, tambem sabe ser grande.

Em honra, pois, de Deus o velho Portugal
Vae transformar-se emfim n'um templo colossal.

Que negro pesadelo! As muralhas possantes
Parece que sómente um povo de gigantes
As poderia erguer; e a dentro das muralhas
Fazem-nos conceber cyclopicas fornalhas,
Derretendo no fogo os rispidos metaes,
As columnas de bronze e os carrilhões brutaes.
Dentro do templo assiste inteira a sociedade,
Clero, nobreza e povo, a essa festividade
Que gasta em pompas vãs muitas dezenas d'annos...

O monarcha executa os seus doirados planos.

Cantam soturnamente os frades opulentos
Um canto sepulchral. Percebem-se os lamentos
Passar do cantochão na funebre cadencia.
Escuta-se a chorar da velha decadencia
A alma desgrenhada, em threnos e elegias
Que morrem a tremer nas abobadas frias!...
Qual nuvem que escurece a intensa luz d'um sonho,
Passa entre esse esplendor o tribunal medonho
Do Santo Officio.
No adro accendem-se as fogueiras
Em que o hereje alimenta as chammas carniceiras...
O monarcha tem Breve e a Inquisição tem Bulla,
Podem fartar de carne a monstruosa gula.
Esmaga-se entretanto o coração do povo;
No cerebro em que surge um pensamento novo
Cae implacavelmente a eterna maldição;
Algema-se a justiça, abafa-se a razão,
Paralysa-se a alma, a sciencia desfallece;
Nem um raio de sol as petalas aquece
Da fina flor azul de estames de oiro—a arte;
Os mananciaes do amor seccam por toda a parte;
Invade os corações uma tristeza amarga
Que os gemidos suffoca e as lagrimas embarga;

Definha-se o commercio, a industria, a agricultura,
Tres sombras a que se abre a mesma sepultura.
A Europa folga e ri d'esta miseria extrema,
E pensa em resolver apenas um problema:
Que nação herdará a immensa cathedral?
A Hollanda? a Inglaterra? a Hespanha? a França? qual?
Ao rei importam pouco as divisões do mappa,
No céu existe Deus, na terra existe o papa,
Que em troca d'uns milhões lhe manda de presente
Um rico patriarcha e um titulo eloquente.
Que mais quer? a que mais deve aspirar um rei?
Póde e manda; o seu gesto é duro como a lei
Que está na sua mão. Ninguem com mais entono
O sceptro ergueu, de pé sobre os degraus do throno,
Ou o manto arrastou, entre o esplendor da côrte,
Nas grandes recepções, com mais altivo porte.
Depois, quem tem como elle a santa liberdade
De possuir no templo, alli, muito á vontade,
O mystico, o sensual, o erotico prazer
De afagar o marfim d'um collo de mulher,
Matando-lhe na bôca a sêde do infinito
Entre os beijos do amor e as orações do rito?!

É na verdade um rei predestinado e forte,
Cuja gloria o fará sobreviver á morte!

Tinha descido muito a longa procissão
De povos e de reis... A magica attracção
Que exerceu sobre nós a purpura e a roupeta
Fez-nos descer ainda!...

A gelida ampulheta
Em que o destino mede a duração e a vida,
E ante a qual estrebuxa a alma espavorida,
Encerra para nós já poucos grãos d'areia.
A historia vae contar mais uma cova cheia;
Morre como um covarde o heroico Portugal.
Ninguem o salvará?...

Da escura cathedral
Sae finalmente um dia o regio sybarita
N'um feretro pomposo... Allucinada e afflicta,
Chora nos corações a imagem do passado;
É que alli não vae só o corpo inanimado
Do velho rei defuncto... Esse feretro encerra
O cadaver da patria. E ha de engulir a terra
As illusões d'um povo e o orgulho d'uma raça
Cuja gloria se apaga ao vento da desgraça?!

Pelas ruas desfila esse cortejo austero:
Vae o estado maior da nobreza e do clero.

Balouçam-se de manso os coches hollandezes,
Sob o intenso fulgor de rutilos jaezes.
Caminham de vagar os cavallos da Hungria,
De pello assetinado e crina luzidia.
N'uma estufa real, vestido de vermelho,
Curvado, vae rezando o patriarcha velho,
E os conegos atraz, nas berlindas doiradas
Que humilharam de inveja, em ricas embaixadas
D'uma pompa oriental, a Austria e o Vaticano.
Inda depois de morto ao Cesar soberano
A riqueza não falta e o luxo portentoso
Que foi o sonho, o ideal do seu poder vaidoso...
Rematam o cortejo arautos, passavantes,
Archeiros, pagens, tropa. As fardas deslumbrantes
Fazem brilhar ao sol as pedras e os metaes.
Não cessam de dobrar os sinos colossaes
Que o rei mandou fundir—grandes moles de bronze,
Cujo funereo som, na Italia, Clemente XI,
Quando pensava em nós, distinctamente ouvia.

De quarto em quarto de hora estoira a artilheria.

Ao transpor os humbraes do infinito repouso
Nada falta ao monarcha altivo e espaventoso.

A religião perdeu o seu melhor vassallo;
Roma sentiu de certo um formidando abalo
Quando lhe ouviu caír, rude como um trovão,
Sobre o corpo gelado a tampa do caixão.

IV

NOVEMBRO: uma manhã de clara primavera.
O phantasma do inverno envolto se escondêra
No seu manto de neve... um quente sol de estio
Doirando os areaes, faiscava no rio
Anilado e tranquillo. A alma da natureza
Jorra a luz e dissipa as nevoas da tristeza;

Paira sobre a cidade a benção triumphal
Do espirito que vence o espirito do mal...
Apenas faz lembrar as tristes manhãs frias
De novembro, a nudez das arvores esguias,
Que tem em pleno sol os gelidos aspectos,
A attitude e a expressão de enormes esqueletos.

Mas eis que de repente a misera Lisboa
Solta um grito de horror que os ares atordoa.
Abre-se a terra e estoira em convulsões estranhas,
E ao percorrer a morte o dorso das montanhas,
Sente-se asphyxiar em nuvens de poeira,
N'um torvo mar de entulho, uma cidade inteira!...
Palacios colossaes, templos e monumentos
Sentindo-se abalar nos proprios fundamentos,
Chocam-se e vão caír em rude cataclysmo
Na immensa confusão d'esse medonho abysmo!
As victimas, que horror! sepultam-se aos milhares;
Crepes de fumo e pó vestem de lucto os ares;
Saem monstros de fogo, alvoroçando as crinas
Dos negros boqueirões abertos nas ruinas;
Soluçam pelo ar queixas despedaçadas,
Fundos gritos de dôr, satanicas risadas,
As supplicas da fé e as pragas da loucura.
Perturba-se a consciencia! O coração procura,

Allucinado e afflicto, o peito em que pulsava,
Nos effluvios do amor, o coração que amava,
E encontra-o afinal submerso nos monturos
Ou desfeito d'encontro aos destroçados muros!...
... Hecatombe infernal! Tragedia horripilante
Que em febre exaltaria o cerebro do Dante,
E seria capaz de humanisar as feras,
De lagrimas banhando os olhos das pantheras!...

E o mar! o mar! erguendo os vagalhões n'uma ancia
De exterminio, a rugir, lançava-os a distancia
De encontro ao caes, galgando as pavorosas brumas..
E, amortalhando a terra em um lençol de espumas,
Parece arremessal-a em roucos paroxismos,
Fervilhando de raiva, ás guelas dos abysmos!...

Mas outro mar convulso, indomito, inclemente
Rompe os diques e sae vertiginosamente
Dos carceres sem ar, das humidas prisões...
São a vasa do crime, as chusmas de ladrões,
Sem fé nem religião, as hordas desbragadas
De assasinos crueis, consciencias apagadas,
Odientos cannibaes que a podridão consome;

Vão-se vingar do frio e escarnecer da fome.
E a sociedade, a mãe que os engeitava d'antes,
Vae vel-os, ao clarão das chammas triumphantes,
Roubando, profanando os corpos das donzellas
Desmaiados e nus, nas sombras das viellas,
Fazendo-as acabar depois ás punhaladas
Entre um côro infernal de torpes gargalhadas!...

Mas sobre as convulsões d'essa montanha ardente
Ergue-se olhando a morte imperturbavelmente
Um vulto magestoso. A altiva placidez
Do seu profundo olhar recorda-nos Moysés
Nas sarças do Sinai!...
Ao ver entre as ruinas
Passar o genio mau das explosões divinas,
Soltos á tempestade a tunica e os cabellos,
Despedindo a fremir os raios e os flagellos
Que a morte fabricou nas forjas dos gigantes,
E agitando no espaço as azas gottejantes
De lagrimas e sangue, o vulto heroico pensa
Que se executa emfim a barbara sentença
Do tribunal que julga os crimes das nações...
E hão de morrer assim as ricas tradições
Do velho Portugal, tão nobre e desgraçado?!

São pois uma chimera as glorias do passado
E a fama singular que o mundo inteiro admira?
É um sonho o Brazil e a India uma mentira?!...

. . . .

. . . .

Mas é tarde talvez!... Já não se regenera
Uma triste nação que o crime dilacera,
Que o fanatismo vence e a natureza esmaga!...
N'esta hecatombe immensa, horrivel e presaga,
Não se extingue a cratera em que estrebuxa e arde
O cadaver d'um povo!...

«Ainda não é tarde!...»

— Gritou d'entre o estertor dos broncos escarceus
Uma voz similhante á colera d'um Deus —
«Ainda não é tarde...

Os povos condemnados

São aquelles que vão, nas trevas desvairados,
Dar a beber aos reis o sangue dos vassallos...
Mas a justiça então, antes de condemnal-os,
Pergunta-lhes se acaso existe algum precito
Que junte a força ao genio e que levante um grito,
Um protesto solemne, audaz, intransigente,
Que obrigue a circular nas veias novamente
O sangue da nação, que em lagrimas escorre...

. . . .

Se esse protesto se ergue, essa nação não morre!

Se em Portugal houver um genio destemido
Que o faça alevantar o corpo emmagrecido
Do pantano em que jaz, ha de viver e ha de
Á morte arrebatar a tragica cidade...
Na Religião existe uma sublime prova:
Jesus fazendo erguer o Lazaro da cova...

Lisboa não será como as cidades mortas,
Memphys, Tyro, Carthago e Thebas das cem portas,
Que exhibem tristemente, alvas e descarnadas,
Nas penumbras da historia as lividas ossadas!...
....

Mas esse homem de genio, altivo e omnipotente,
Necessita de ser um colosso e um crente...
Se acaso para dar um formidando exemplo
Tiver de apear um Deus ou de arrazar um templo,
Não deve estremecer nem vacillar, senão
A espada da vingança ha de cortar-lhe a mão,
E tudo volverá aos pantanos da morte!...
Despotico, cruel, intransigente e forte,
Embora o coração lhe sangre entre os abrolhos,
Que lhe não veja alguem brilhar á flor dos olhos
Lagrimas de piedade... o bronze de que é feito

Deve-lhe endurecer o coração no peito.
Vencerá, se tiver um cerebro possante,
As entranhas d'um tigre e a força d'um gigante!...
. . . .
. . . .
Mas depois, quando houver cumprido o seu dever,
E a patria viva e sã entre as nações se erguer,
O genio vencedor em paga de tudo isto
Ha de ter por mortalha a tunica do Christo,
E, prestes a exhalar o ultimo gemido,
Será amaldiçoado, apedrejado, arguido
De assassino e ladrão, de infame e de falsario...
. . . .
Todo o genio sublime expira n'um calvario»...

Tranquillo, o vulto heroico apenas respondeu:
«Portugal viverá!...
Esse homem serei eu!...»

V

Esse homem foi Pombal!

Traçou o enorme plano
E foi justo e cruel e grande e deshumano...
Com o pulso de bronze e a intensa claridade
D'um genio prodigioso ergueu uma cidade;
Mas redobrando o esforço e a intrepidez, então
Fez inda muito mais — ergueu uma nação!...

Tratou pois d'esmagar uma influencia mixta:
O palacio dos reis era guardado á vista
Por dois monstros nos quaes o seu olhar descobre
Dois cancros sociaes:—era o jesuita e o nobre!
Se alguem se approximava, os dois altivamente
Gritavam: —«Quem vem lá?»—Se era fidalgo ou crente,
Podia entrar; não sendo, os dois n'um tom amargo
Rugiam praguejando: «Então passe de largo!...»
A realeza dormia entre esses dois tyrannos,
E essa guarda fiel durou duzentos annos!
Mas Pombal, que vê n'ella o seu constante espectro,
Quer libertar o povo emancipando o sceptro,
E antes que a velha guarda o surprehenda e esmague,
N'uma das mãos um gladio e na outra um azorrague,
Subjuga-a, dando ao mundo um pavoroso exemplo,
E expulsando depois os vendilhões do templo!...

VI

NA base do tablado, aos pés do confessor
A marqueza ajoelhou. Vergada pela dor,
Olhos postos no chão, curva a cabeça, ouvia
O que em face da morte e ás portas da agonia
Deus manda que se diga...

O padre finalmente
Apresentou-lhe a cruz, e a altiva penitente,

Depois de a ter beijado, ergueu-se majestosa,
Serena e firme...

O sol, n'essa manhã chuvosa,
Occulto por detraz do firmamento, havia
Conservado a manhã soturnamente fria.
Alinhava-se em torno ao funebre tablado
Um troço de dragões. O povo agglomerado
No largo de Belem ruidosamente espera
Que o carrasco lhe mostre a sanguinaria fera
Que quiz matar el-rei...

No emtanto com presteza
Vae subindo os degraus a pallida marqueza;
Nem se contrahe sequer á beira do supplicio
A linha esculptural do seu perfil patricio.
No aprumo e distincção d'uma infeliz rainha,
Alta, nervosa e secca, a victima caminha
Entre o carrasco e o padre...

A multidão ao vêl-a
Solta um grito de horror que a convulsiona e gela.
O mar de encontro ao caes as ondas despedaça,
Como que lamentando a funebre desgraça...

Entre as vergas das naus, entôa o vento norte
Responsos de agonia e canticos de morte;
E em frente, como um sonho, atravez o nevoeiro,
Recorta-se no espaço o lugubre mosteiro...
A fidalga ouviu ler a asperrima sentença,
E as lagrimas de fel, que ha muito lhe condensa
A indomita altivez dentro do coração,
Rebentam-lhe afinal n'uma forte explosão...
É porque a extrema luz do seu olhar dorido
Anteviu, no supplicio, os filhos e o marido;
E, oh seculos de dôr soffridos n'um momento!
Na tragedia sem par d'esse infernal tormento,
Ouvia-lhes o horror dos gritos afflictivos
Sob um maço de ferro a esmigalhal-os vivos!...

Compadecido o algoz, fel-a morrer depressa.
Decepou-lhe d'um golpe a livida cabeça,
Que espadanando sangue elle depois ergueu
No seu braço trigueiro, horrivel e plebeu!...

Ao contemplar de longe essa tragedia escura,
Vendo ao fundo do quadro a athletica figura
Do marquez, a sorrir com a fronte emmoldurada
Nos revoltos anneis da cabelleira empoada,

Eu, que sou homem de hoje e que protesto, em nome
D'essa raça infeliz que a escravidão consome,
Contra a morte brutal, sarcastica e violenta,
De que a vingança vive e o odio se alimenta;
Eu, que tremo se escuto os corações afflictos
Que na noite da historia, em supplicas e gritos,
Dos carceres sem luz pedem por compaixão
A Deus a liberdade e ao despota o perdão;
Pensei, ao contemplar o quadro deshumano,
Que o heroe adormecêra á sombra do tyranno...
E depois de escrever a execução funesta
Quebrei a minha penna immaculada e honesta!

Mas então subjugou-me um sentimento falso.

Olhando novamente o negro cadafalso,
Já não vi a collear nas garras da agonia
Uma triste mulher ensanguentada e fria...
Vi o monstro orgulhoso, excentrico e devasso,
Que tanto tempo andou de sentinella ao paço,
Corrompendo a justiça, atraiçoando o rei,
Prostituindo a honra, amordaçando a lei;
Vi uma classe, um erro, um dique, uma barreira,
Desabando ao clarão da tremula fogueira;

Vi o povo liberto, a nobreza abatida;
Vi d'esse cadafalso aos páramos da vida
Levantar-se um paiz independente e forte,
Que um genio colossal arrebatou á morte!...

Se a razão me não mente e a vista me não illude,
O que julgára um crime é, pois, uma virtude!

Foi salutar a pena e o exemplo foi profundo:
Tambem n'um cadafalso el-rei D. João II
Mandou executar o duque de Bragança;
A nobreza luctou, sedenta de vingança,
Mas n'essa lucta, el-rei humilhou-a e venceu,
Cravando o seu punhal no duque de Vizeu...
E tambem Richelieu, o austero cardeal,
Que foi como estadista o seu mais alto ideal,
Atacou a nobreza e subjugou no ataque
Bassompierre, Orleans, Bonillon e Marillac!...
N'essa lucta cruel de raiva e de vingança
Richelieu foi brutal mas libertou a França.

Applaudo-te, portanto, a heroica intrepidez...
Que a historia te abençoe...
Fizeste bem, marquez!

VII

Essa arvore fatal, que as almas apavora,
Tinha escondido á terra as purpuras da aurora
E os fulgores do sol, que ha muito não lhe entrava
Por entre a escuridão da ramaria brava...
Passavam-lhe por cima os broncos temporaes
Agitando na treva as azas glaciaes...
Em baixo o coração e o espirito vivia

N'uma noite sem fim, caliginosa e fria,
Que apagando a razão gelava o sentimento.
Nem uma nesga azul do velho firmamento
Nos falava do céu! As aves palpitantes
Fugiam-lhe a tremer das pernadas gigantes;
Nunca se ouvia alli o filamento cheio,
Amoroso e subtil, d'um lucido gorgeio!
As flores infernaes d'essa arvore damninha
Eram da côr do sangue, e o seu perfume tinha
Um veneno mortal, fascinador e brando,
Que ia covardemente as gerações mirrando!...

Era o roble senil do negro jesuitismo,
Que Pombal arrasou e despenhou no abysmo.
Mas foi preciso ter o raio fulminante,
Cyclopico e feroz, d'um Jupiter Tonante
E a força colossal d'um Hercules irado,
Para arrancar-lhe á terra o tronco enraizado!...
....

Quando o roble caíu, dissipou-se a tristeza
Fez-se de novo a luz, e na alma portugueza,
Desfeitas da ignorancia as nevoas e os horrores,
Rompeu a primavera em canticos e flores!

A agricultura, a arte, as industrias e a sciencia,
Sacudindo o torpor da estranha somnolencia,
Refundiram-se então nos moldes do progresso.
E viu-se das nações ao esplendido congresso
Portugal assistir, n'uma attitude ousada,
Com o sceptro na mão e a fronte alevantada!

VIII

CHRISTO! quando ao morrer no teu Calvario ouvias
Carpir os temporaes, chorar as ventanias
No dorso e nos pulmões das rusticas escarpas,
E na torva amplidão os bandolins e as harpas
Dos anjos que sorrindo em torno á tua cruz
Esmaltavam no escuro um resplendor de luz;

Quando, ó martyr do amor, a sordida vingança
No peito te cravou o ferro d'uma lança,
E tu ergueste ao céu, de lagrimas banhados,
Repletos de amargura os olhos resignados;
Quando n'um desespero horrivelmente humano,
Profundo como a noite e amargo como o oceano,
Tua mãe se abraçava ao lenho solitario,
Envolvendo-te os pés nas dobras do sudario;
Se alguem ao escutar-te a derradeira prece,
Moribundo Jesus, n'essa hora te dissesse:
«É inutil, Senhor, o teu martyrio atroz;
A luz do teu olhar, o som da tua voz,
O teu amor, o exemplo, a abnegação completa,
A inspiração d'um Deus na alma d'um propheta,
E a austera placidez da tua vida obscura,
Tudo isso ha de baixar comtigo á sepultura;
Tu serás esquecido, e as tábuas do Evangelho
Hão de quebrar-se assim como se quebra o espelho
Que a imagem reproduz d'um ser idolatrado;
O teu sangue será mais tarde envenenado,
— O sangue que o teu corpo em borbotões derrama —
E o teu nome, Jesus, ha de escrever-se em lama;
A mysteriosa mão que os cúltos apedreja
Fará caír por terra o altar da tua Egreja,
Construindo sobre elle um outro em que afinal
A humanidade adore o espirito do mal...

Triste sonho apagado esse teu sonho, ó Christo!»

Se n'essa longa noite alguem te dissesse isto,
Mostrava-te o futuro, ó grande visionario,
E tu, frio e convulso, ás penhas do Calvario
Pedirias a paz d'um jazigo profundo,
Que o corpo te escondesse aos olhos d'este mundo...
E morto, nunca mais resurgirias, não!...

O jesuita nasceu da tua religião
Como o incendio da luz, como o crime do amor,
E extinguiu-a depois n'um sopro abrazador,
E apunhalou-lhe a fé e envenenou-lhe a crença.
Havia d'um ao outro uma distancia immensa:
Tu eras o perdão; elle a tortura austera;
Tu a virtude, o bem e a liberdade; elle era·
A ignorancia, o erro, a morte, o despotismo...
Cavava-se entre os dois um tenebroso abysmo!
Ninguem os poderia approximar jamais;
Não fazem liga o ferro e os limpidos crystaes!...
O homem, que a tua mão dos pantanos ergueu
Ás tranquillas regiões purissimas do céu,
Educando-o no amor alevantado e puro,

E accendendo-lhe o ideal nas brumas do futuro,
Esse homem foi por elle escravisado e oppresso;
Enregelou-lhe na alma a seiva do progresso,
Fez-lhe parar o sangue e reduziu-o emfim
Ás cegas condições d'um triste manequim,
Movendo-se ao sabor d'uma vontade alheia,
Que o humilha, que o tortura e á morte o sentenceia.

Usava do teu nome o perfido assassino
E cumpria com elle o seu feroz destino!
Abriam-se ao ouvil-o as petalas dormentes
Do amor e do perdão nas almas innocentes,
Cheias d'aquella fé grandiosa e primitiva,
De taes abnegações, tão íntima e tão viva,
Que desde a catacumba ao vasto Colyseu
O sangue dos heroes e martyres verteu,
Sangue que foi enchendo o escancarado abysmo
Que o cadaver tragou do velho paganismo.
Por isso é que o jesuita, em destemida sanha,
Submetteu Portugal, a Italia, a França, a Hespanha,
Escravisou os reis, os papas e as nações,
Os povos chicoteou no fundo dos sertões,
Escarneceu da lei, da honra e do direito,
E fazia sentir junto de cada peito

A lamina subtil do seu punhal hervado,
Capaz de o trespassar de um lado ao outro lado.
....

O homem que esmagou o jesuitismo foi,
Alem d'um genio altivo, um denodado heroe...

IX

BATIA a escuridão, rugindo n'essa noite
Em ameaças de morte, o desgrenhado açoite
Das rajadas do sul, cujo sopro violento
Parece que enxugára ao velho firmamento
As lagrimas de luz. Noite assombrosa aquella!
Não brotava sequer a vida d'uma estrella
No céu profundo e morto!...

O brigue a todo o panno
Cortava silencioso os vagalhões do oceano.
Apagaram-se em roda os largos horisontes
Como se o firmamento, os pincaros dos montes,
As arvores, o mar, as rochas atrevidas,
As cidades da terra e as humidas guaridas
Onde crescem no escuro as algas e os coraes,
E nuvens e vulcões e homens e animaes,
A vida, a fórma, a côr de toda a natureza,
No desespero atroz d'uma intima tristeza,
Se houvessem no borrão d'um cahos dissolvido!...

O jesuita escutava o tragico bramido
D'aquella immensidade... A consciencia inquieta
Fazia-o estremecer nas pregas da roupeta.
Em pé, no tombadilho, os braços encruzados,
Erguia tristemente os olhos encovados,
Procurando debalde o seu ardente olhar
Onde se arqueava o céu e se estendia o mar...
Que a barreira sem fim dos densos escarceus
Escondia-lhe tudo: —a natureza e Deus!—

Fôra esse o grande mal da sua vida inteira:
Sempre a falta de luz, a estupida cegueira,

Que o não deixára ver no espelho da razão
A face espiritual da sua religião,
E o arrastava por fim aos pantanos do olvido
Sem moral e sem fé, odiado e escarnecido,
Engeitado do amor, banido pela sciencia!

Escorriam-lhe em sangue as chagas da consciencia,
Batia-o rudemente o açoite do destino...
Chamavam-lhe ladrão, chamavam-lhe assassino,
E elle, que dominára os seculos passados,
Os mais soberbos reis e os povos mais ousados;
Que tivera a seus pés as rainhas altivas,
Os ministros servis e as cortezãs lascivas;
Elle, o gigante, o rei, que os thronos derribára
Que tivera entre as mãos a purpura e a tiara,
Repleto o coração das máguas mais sombrias,
Crivado de irrisões, coberto de ironias,
Obrigado a partir, barbaramente expulso
Sobre as ondas do mar a rebramir convulso,
Caminhava á mercê dos caprichosos ventos
Sem ver onde o rancor dos temporaes violentos
O iria arremessar!...

E o livido jesuita
Debalde interrogava a escuridão maldita

Como se o proprio Deus pelo universo inteiro
Com impeto corresse o negro reposteiro
Da sua indignação!...

Levados pelos ventos
Via passar na treva os vultos macilentos
Dos grandes corypheus da ordem: Bellarmino,
O sabio precursor do seu feroz destino,
Aos povos ensinando a interpretar nas leis
O modo mais legal de assassinar os reis.
Via passar tambem, cheio de fundo horror,
Aquaviva e Auger, Nithard o inquisidor,
Salmeron e Laynez, o lugubre geral,
E ouvia a doutrinar nas sombras do Escurial,
Ante os olhos febris d'um principe, Marianna,
O regicidio impondo á consciencia humana,
Fazendo-a abençoar, n'um fanatismo ardente,
A mão de Ravaillac e o punhal de Clemente.
....

Surgiam-lhe depois n'um turbilhão phantastico
Pascal, erguendo altivo o seu perfil sarcastico,
Voltaire e Diderot e Holbach, os tres maiores
D'essa raça cruel de livres pensadores

Que ha muito retalhava em golpes execrandos
O velho coração dos cultos venerandos!

....

E o jesuita, a tremer de raiva e desespero,
Via a vingança a rir na bòca de Luthero
E Santo Ignacio ao largo olhando-o carrancudo!...

....

....

O brigue ía avançando imperturbavel, mudo!

N'essa noite Pombal, com um denodo estoico
Fez um protesto firme, um juramento heroico:
Moveria ao jesuita a excommunhão e a guerra
Sem treguas, nem piedade.
Aos términos da terra
Sendo preciso iria a sua mão potente,
Co'a força e a indignação d'um odio intransigente,
Exterminar de vez o torpe missionario.
Levantaria a cruz no alto do Calvario
Derribada por elle: ao mundo contaria
A sua larga historia, horrivel e sombria,
As suas ambições, cujo sopro violento
Nas almas apagára a luz do pensamento,

Os crimes, as traições do seu poder secreto,
Da sua vida esconsa o tenebroso aspecto;
Ao dragão cortaria as garras aguçadas
Com que rasgára o peito ás gerações passadas,
E iria finalmente ao proprio Vaticano,
Para fazer saír do foco ultramontano
O raio que no mundo inteiro o aniquilasse...
E depois de attingir o grande desenlace
Poderia dormir, poderia morrer! ..

....

....

Morreu, resuscitou! Cem annos são passados;
No altar que a patria ergueu aos genios consagrados
É hoje a festa d'elle! Apagam-se os rancores;
O povo enche esse altar de palmas e de flores,
E corre a ver passar nas ruas da cidade
O despota a sorrir no andor da liberdade.

A LENDA DO JESUITISMO

A LENDA DO JESUITISMO

Viu a luz na Biscaia em tempos afastados,
No castello feudal dos seus antepassados.
Armaram-n'o depois fidalgo e cavalleiro,
E, como era garboso, audaz e aventureiro,
Nos torneios do amor, pugnando, se revela
Um vencedor, um bravo ás damas de Castella.

Porque adora a riqueza e as glorias ambiciona,
Lucta como um leão no cerco de Pamplona,
D'onde o levam depois, ferido entre os soldados,
Ao castello feudal dos seus antepassados.
Transformam-se-lhe então as ambições guerreiras;
Deslumbram-lhe a cabeça as glorias e as canceiras
Dos martyres da fé, dos grandes penitentes
Que venceram do inferno as hostes inclementes...

E enche-lhe toda a alma um fervoroso encanto:
Soffrer, penitenciar-se e ser na terra um santo!

Viu descer uma noite a Virgem das alturas;
Faiscavam-lhe em roda as finas bordaduras
Do seu manto de seda... As madeixas doiradas
Cingiam-lhe do rosto as tintas delicadas;
Nos olhos tinha a paz do azul indefinido,
Nos labios o perdão, e ao longo do vestido,
Alvo como os jasmins, um tremulo rosario
Das lagrimas de dor choradas no Calvario.

Ella disse-lhe então: «Oh meu amado, vem!
Sou a mãe de Jesus, serei a tua mãe!»

O Jesuita partiu ao despontar da aurora;
Abandonou da Hespanha a côrte que o namora,
Deixou riquezas, nome, e, descalço e mendigo,
Disse o ultimo adeus ao seu castello antigo...

Andou, andou, andou, sem destino, sem norte.
N'esse mystico anceio irá d'encontro á morte?
Não sabe... apenas vê, durante essa romagem,
Da santa mãe de Deus a resignada imagem,
Que o arrasta, que o seduz e brandamente o impelle
A andar, fitando sempre o olhar azul no d'elle!

Pára junto do altar da Virgem de Manreza;
Sente o travo, o amargor d'uma íntima tristeza,
E treme, porque o mal que o coração lhe invade
É a recordação da sua mocidade:
Do tempo em que cedia ás rubras tentações
Nos torneios, no amor, na guerra, nos salões!

E transido de horror, pobre alma attribulada,
Deixa ficar no templo o capacete e a espada.

Tão grande peccador só póde achar repouso,
Ao serviço de Deus, n'um ermo silencioso,
Supplicando o rigor das punições eternas,
Em rezas e jejuns, no fundo das cavernas.

O asceta encarna então no corpo do Jesuita;
Tortura doidamente essa carne maldita
Na qual Satan cravou, por noites luxuriosas,
Os dentes sensuaes e as unhas venenosas;
Vão por isso augmentando as penas e os supplicios;
Passam da corda ao ferro os barbaros cilicios;
E assim purificado, em extasis subindo
N'uma restea de sol por esse espaço infindo,
Emergia, a sorrir, da noite transitoria
Aos triumphos da luz, aos páramos da gloria!

Atravessava á tarde os campos e os povoados,
Sujo, descalço, roto, os labios desbotados,
Febricitante o olhar, incultos os cabellos,
E ía pedir esmola á porta dos castellos...
Quando o viam passar nas ruas e nas praças,
Phantasma portador de pestes e desgraças,
Fugiam a tremer as creanças e as mães,
E ladravam-lhe atrás raivosamente os cães!

Na solidão, na paz dos montes colossaes,
Devoram-no de sede os mysticos ideaes;
Quando sobe ás regiões dos pincaros erguidos,
Arrasta-se no chão em queixas e gemidos
Porque lhe foge o céu, e apaga-se a miragem
Á sua crença viva, ao seu amor selvagem!
Precisa de dormir e descançar: mas onde?
Que piedoso logar aos olhos se lhe esconde?
Que tranquillo paiz, que terra abençoada
Existe, em que a sua alma, ardente e mergulhada
N'uma noite sem fim, veja romper a aurora
Em cujo orvalho apague o fogo que a devora?

Talvez Jerusalem! Talvez a Palestina.

Um dia parte e segue a idéa que o fascina.
Olhos postos no céu, caminha sem cessar;
Intrepido atravessa as solidões do mar,
Impellido ao sabor das gelidas nortadas,
Cujo sopro lhe cresta as faces maceradas;
E, se as batalhas vence ás horridas procellas,
A Deus cabe sómente a gloria de vencel-as.
Porque acima do mar, mais forte do que os ventos,
Arrasta-o aquella fé que vence os elementos,

Que os diques rompe e vae, pelos espaços fóra,
Dos carceres da noite ás explosões da aurora,
Imperturbavel, cega, allucinada e forte,
Na tangente subtil que passa pela morte,
Direita ao seu ideal, d'encontro ao seu destino...

O Jesuita procura esse logar divino,
O sepulchro onde sinta o sonhado conforto
De ver e de beijar o proprio Christo morto,
De ouvir distinctamente, em extasis submerso,
O choro do Calvario, as queixas do universo
E, pendula a bater na noite tormentosa,
O afflicto coração da Mater dolorosa!

Chega a Jerusalem; treme de medo e frio
Ao contemplar de perto o tumulo vasio;
Invade-o a suggestão da velha eternidade,
No gelo e na nudez d'aquella soledade!
Morrer alli, tambem, n'esse deserto, aonde
Um echo mysterioso á sua voz responde,
E evolar-se depois, assim como Jesus,
Do santo Djebel-Tor aos páramos da luz...
Que ideal, que aspiração, que sêde abrazadora!

N'uma turva manhã, vinha rompendo a aurora;
Jerusalem dormia envolta nas neblinas;
Erguiam-se-lhe em roda espectros de ruinas,
Dentaduras muraes e leques de palmeiras,
E ao largo, calvejando, os craneos das cumieiras.
Repassava-se o ar d'um biblico repouso.
Íam cortando o areal, monotono e calmoso,
Peregrinos christãos e tribus mauritanas,
No triste desfilar das lentas caravanas...

Junto ao Santo Sepulchro, em sonhos embebido,
Sagrando-lhe de mágua o coração partido,
Orára toda a noite o asceta aventureiro!
Tinha em frente Jesus pregado n'um madeiro,
Triste, d'essa tristeza eternamente escura,
Que é como a projecção da propria sepultura...
Fallou-lhe; mas Jesus, immovel, frio, morto,
Não respondeu!... Depois, n'um grande desconforto,
Pediu-lhe que o matasse aos pés d'aquella cruz...
Moveu-se então no lenho o corpo de Jesus!
Ergueu o rosto, abriu as palpebras pisadas,
E fitando-o ao clarão das lampadas sagradas,
N'um gesto singular d'uma energia estranha,
O seu braço estendeu mostrando-lhe a Allemanha!...

Esse gesto rasgou-lhe os crepes do mysterio;
A noite fez-se dia; olhou o espaço ethereo
Inundado de luz e ergueu-se triumphante.
Oh sagrada missão que o céu n'aquelle instante
Impõe á sua crença!
A Igreja, que se abysma
N'esse mar a ferver de excommunhões — o scisma —,
Necessita de alguem que a salve e purifique.
Á revolta opporá uma barreira, um dique,
Que a obrigue a recuar; e a sua mão de ferro
Ha de esmagar de vez o sacrilegio e o erro
Que inflamma os corações das seitas sublevadas...

Julgou ouvir então o oceano das cruzadas,
Tragicamente erguendo as ondas sanguinarias,
A rebramir alem nas plagas solitarias...

E, como quem descobre um íntimo segredo,
Parece-lhe escutar o ardente Godofredo,
Que á conquista da cruz a humanidade incita;
Ao longe, muito longe, a voz de Pedro o Er'mita,
Os povos arrastando em chusma, de roldão,
Aos barathros da morte; e na larga extensão
Das luctas pela fé, aos outros sobranceiro,

Vê S. Luiz, rei de França, apoz o captiveiro,
Correr a Palestina, entre povos reveis,
A congraçar christãos e a converter infieis!

E o Jesuita sentiu, em fremitos, a gloria
Fazendo retinir os hymnos da victoria
E as hosannas do amor nas vibrações do espaço!

Seguiria outro rumo. A lucta braço a braço,
Peito a peito, no campo, encarniçada e cega,
Rasgando os corações nos odios da refrega,
E derramando o sangue em borbotões caudaes,
Tinha a ferrea expressão dos tempos medievaes,
Cujo valor guerreiro e indomita fereza
Era o epico ideal da força e da belleza.
Seguiria outro rumo: a idéa, o pensamento!
E assim como a corrente electrica do vento
Leva o pollen da flor ás plagas mais distantes,
A palavra tambem, em fulgidos cambiantes,
A fé transportaria ao fundo dos sertões,
Onde o erro se alastra, enchendo os corações
Das castas virginaes!...
O pensamento! a idéa!
As armas que Jesus fundíra na Judéa,

Armas com que depois, em golpes sobrehumanos,
Conseguiu derrotar os Cesares romanos!...

Mas, ao ver-se isolado, o Jesuita, ignorante,
Novamente caíu por terra, supplicante,
Chorando aos pés da cruz:
«Não é possivel, não!
Senhor, sinto-me velho e desvalido...» Então
A voz rompeu emfim dos sacrosantos labios:
«Parte! Serás no mundo um sabio entre os mais sabios.»

Partiu, levando n'alma o seu segredo occulto...
E elle, o guerreiro, o asceta, o peregrino, o adulto,
Á força de trabalho e de ambição crescente,
Entre as creanças foi sentar-se humildemente
Nas aulas de latim!... Como era coxo e triste
Desafiava a troça, o epigramma, o chiste;
Tinha uma alcunha: o «Bruxo», e quando não sabia
As teimosas lições, é fama que pedia
Ao seu mestre Arkebale a insolita fineza
De o castigar tambem!...
A convicta firmeza
Com que andava a prégar uma doutrina extranha,
Obrigou-o a fugir, a abandonar a Hespanha.

Paris, o grande centro, o coração do mundo,
Attrahia de longe o heroico vagabundo.
A fé, que é uma força indomita, protege-o.
Tres annos passa alli nos claustros d'um collegio
A estudar, a aprender e a organisar o plano
Com que torne efficaz esse trabalho insano,
Essa ambição febril de unificar um dia
As religiões do norte e as crenças do meio dia,
O oriente e o occidente, o mundo novo e o velho,
Sob um vertice—a Cruz! e um codigo—o Evangelho!
Vae portanto alistar o exercito, que seja
Capaz de harmonisar as dissensões da Igreja.
Quer soldados fieis, impavidos, estrenuos;
Por isso attrahe, fascina os tristes e os ingenuos;
Falla, e a sua voz tem um poder secreto,
Uma doçura tal, e o seu dorido aspecto
Uma tal seducção, que basta vêl-o e ouvil-o
Para se encher de paz o coração tranquillo,
E abrir-se na consciencia, assim como uma flor,
Um clarão de justiça e um sorriso d'amor!...
....

N'uma noite subiu a ingreme ladeira
De Montmartre, o Jesuita... A lua, sobranceira,
Bordava no caminho as fórmas ondulantes

Dos platanos senis; os pincaros distantes,
Á baça luz do luar, tornavam-se disformes,
Faziam conceber pyramides enormes,
Que guardassem no ventre as cinzas apagadas
De altivos Pharaós... Nuvens despedaçadas,
Véus que envolvem de leve os zephiros occultos,
Esboçavam no azul bizarramente os vultos,
Os corpos e os perfis de esphinges singulares,
Vogando na corrente olympica dos ares!...

Noite cerrada. Ao pé do vasto cemiterio,
Como as hirtas ficções d'um sonho ou d'um mysterio,
Erguiam-se na sombra os sete companheiros,
Os soldados leaes e fortes, os primeiros,
D'essa grande milicia intrepida, que um dia,
Vampiro colossal, o sangue beberia,
Sem treguas nem pudor, á velha humanidade!

Em baixo repousava a lubrica cidade
De Francisco I; e o prodigo monarcha,
Que sabia de cór as rimas de Petrarcha,
E odiava Carlos V, seu rival bilioso,
Dormia, aguia real, no leito voluptuoso
De Anna de Pisseleu.

Por entre o firmamento
Rompiam os clarões d'uma manhã serena...
Ao longe serpejava alegremente o Sena,
Apertando París como uma gargantilha
De diamantes reaes!... As torres da Bastilha
Faziam meditar na sua historia infame!
Vincennes, Santo Eustachio, o Louvre e Notre-Dame,
— Os jactos colossaes da velha architectura —
Destacavam no espaço a fórma, a contextura
Dos soberbos torreões — immoveis dromedarios
Em extasis de pedra! — Ouvem-se os campanarios
Soltando na amplidão queixas despedaçadas
Das gargantas de bronze... As ruas e as estradas,
Em curvas deseguaes, fazem lembrar serpentes
Colleando atravez das arvores dormentes.

Ergueu-se d'entre o grupo estatico o Jesuita.
A viva inquietação que o espirito lhe agita
Faz-lhe tremer a voz e os olhos lhe mareja
De lagrimas!...
«É triste a situação da Igreja!»,
Disse elle, «A grande nau sossobra e vae a pique...
É preciso que alguem, irmãos, se sacrifique.
Jesus tambem por nós morreu crucificado...
O oceano cresce, cresce!... Oiço de cada lado

A revolta a bramir, contaminando o clero.
Em Worms surge e préga o rispido Luthero,
Que ante o povo exaltado e em face dos monarchas
Jura a Reforma, impune!...
Ardentes heresiarchas
Chamam por toda a parte as povoações á lucta;
Juntam á voz que arrasta o braço que executa.
Zwingle, o republicano, o espirito revel,
Morre como um heroe nos campos de Cappel,
Depois de ter cuspido em maldições, no Rheno,
Em Zurich e em Berne, o heretico veneno,
Cujo effeito é mortal; em furias d'assassino,
Melanchton, Carlostadt e Munzer e Calvino
Comprimem doidamente o peito das nações...
Tem o odio do diabo e as garras dos leões!...
João de Leyde, o histrião, alma perversa e bruna,
Vence em Munster Waldeck, organisa a communa,
E intitula-se rei!...
Fanaticas e egoistas,
O inferno faz surgir legiões de anabatistas,
Que combatem na treva; em versos insolentes,
Verberam-nos o rosto as satyras mordentes
De Hutten, o allucinado!... Emfim, do sul ao norte,
Nas searas do Senhor passa um vento de morte,
E o universo estremece aos gritos da revolta,
Cuja negra bandeira, aos quatro ventos sôlta,

Nós vemos tremular nas profanadas ruinas
Das cathedraes da Escocia!
Em fogo agita as crinas
A besta colossal d'um novo Apocalypse,
Que prognostica ao mundo a derrocada, o eclypse
Da Igreja Universal, Catholica, Romana.
Pois bem; n'esta batalha impenitente e insana
Precisâmos de entrar, amigos, com firmeza,
Com plano e com valor. No emtanto, a nossa empreza
Vae mais longe: procura a conversão das massas
Que formam nos sertões as primitivas raças
De selvagens e infieis. Vamos heroicamente
Ensinar o Evangelho, erguer a Cruz no Oriente,
Fazer jorrar a fé nas almas pervertidas,
E, se preciso fôr, pagar co'as proprias vidas
O arrojo, a convicção e a crença forte e austera,
Que as almas varonis em Deus nos retempera,
Em Deus, que acceita e inspira a nossa vassallagem!...
....
....

Ao longe ergue-se o sol! Fragmentos de paizagem
Inundam-se de luz, assim como um bordado
De matizes de seda em brocatel doirado.
Ria expansivamente em volta a natureza;

O vento adormeceu; na infinita pureza
Do firmamento azul passam de quando em quando,
Vibrantes de alegria, os passaros cantando;
Nas arvores scintilla o orvalho da manhã...
Os sete generaes da milicia christã,
Cheios de crença viva e de animo robusto,
Apertaram-se as mãos n'um juramento augusto.
O mais velho, porém, dos sete levantou-se,
Entre o grupo ajoelhado; o olhar sereno e doce
Encheu-se de piedade; e de braço estendido
Fez o signal da cruz n'um gesto commovido!...

Mais tarde entrou em Roma! A nova catechese
Deslumbra a Santa Sé; e Alexandre Farnése,
Que sente dia a dia o escuro precipicio
Cavando-se em redor do throno pontificio,
Reforça-a d'isenções, enche-a de privilegios,
E manda-a combater os duros sacrilegios,
Insultos e má fé com que a Reforma ignara
Pretende macular a limpidez da tiara.

O Jesuita venceu resistencias e obstaculos!
A sua mão dirige os sceptros e os baculos,
E arrastam-se-lhe aos pés as multidões absortas!

Faz-se á vela no oceano, e o oriente abre-lhe as portas.
Leva um ideal á India. Entra no Malabar...
E ao seu sorriso ingenuo, á paz do seu olhar,
Á sympathia e uncção do seu divino aspecto,
Ao seu exemplo vivo, immaculado e recto,
E á modestia christã com que caminha e falla
D'um Deus cuja doutrina o rico ao pobre eguala.
Abrem-se vivamente os corações dos parias,
Sedentos nos areaes das praias solitarias,
E embebe-se de luz e gosos ineffaveis
O espirito infeliz das castas miseraveis!

Alli, sob o docel dos robles seculares,
No silencio, na paz dos rusticos palmares,
Ou fluctuando á flôr dos lagos transparentes,
Como Christo, fascina as almas innocentes,
—Almas virgens, da côr purissima dos lirios!—
E conta-lhes então as dores, os martyrios,
As lagrimas de fel dos olhos de Jesus,
E a tragedia sangrenta e barbara da cruz!...
Descreve-lhes tambem as alegrias mansas
Que distillavam mel nas bôcas das creanças,
Quando elle percorria os campos da Judeia;
E fal-os admirar a tragica epopeia

D'essas luctas crueis, antigas e sinceras,
Travadas ao ar livre entre os christãos e as feras!

E o Evangelho triumpha, e aos pés da cruz erguida
Curva-se e chora e resa a India convertida!...

O Japão!... o Japão!...
N'uma debil falua
Affronta o grande mar das Indias. Não recua,
Não treme! O seu intuito e o seu ideal, dirige-os
O sopro do milagre e a vara dos prodigios!...
Supportou o rigor das madrugadas frias,
Soffreu a chuva, a nevoa e as mortas calmarias;
Viu ao clarão do raio as ondas erriçadas
—Grandes florestas d'agua!—e o choque das nortadas,
E a ancia das marés, fazendo-as estoirar
Sem descanço, a ferver nas solidões do mar!

E a mysteriosa voz que o animava, então
Gritou-lhe com mais força:
O Japão! o Japão!

Partiu, e entrou por fim nas praias desabridas
D'esse extremo do oriente. As raças atrevidas,
Orgulhosas e más, fizeram-no tremer!
Morreria talvez cumprindo o seu dever!...

Prégou a religião, a candida doutrina
Do Christo; e a sua voz suave e crystallina,
D'uma eloquencia nova, irresistivel, calma,
Fazia rebentar nos recessos da alma,
Nas urzes da consciencia, em prismas multicores,
Catadupas de luz e borbotões de flores!...
Seguem-no! vão com elle as multidões nervosas
De enthusiasmo e d'amor!... Nas cristas alterosas,
Das serras, dominando a vastidão dos mares,
O missionario ergueu a cruz sobre os altares
Da sua religião!...
E apesar do Buddhismo
Correram no Japão as aguas do baptismo!...

Sem descançar, cedendo á febre que o domina,
Embarca-se o Jesuita em direcção á China,
A China, a sêde d'alma, o sonho predilecto
Da sua phantasia, e o triumpho completo

Da sua abnegação!...

Mas junto ao grande imperio
A morte descobriu-lhe o coração, e fere-o
Quando elle palpitava em jubilos de gloria!...
Ao ver approximar-se a onda transitoria,
Que entre as espumas leva a vida que se afasta,
Ouvia a voz de Deus que lhe gritava: «Basta!»

....

....

Agonisava o sol, em febre, no poente.
Depois de haver descripto a sua curva ardente
Adormecia emfim na paz da natureza.
Enchia os corações a languida tristeza
Das tardes tropicaes...

N'um intimo respeito,
O apostolo apertou o crucifixo ao peito,
Alevantou o olhar quasi apagado ao céu,
Onde expirava o sol!... E sorriu... e morreu!...

....

....

A noite condensou-se em tenebroso lucto.
O missionario vil, despotico e corrupto,

Nasceu d'aquella treva!

Ilhas e continentes,
Mattas virgens, sertões d'arvores rescendentes,
Ás quaes dão vida e côr, esmaltando as paisagens,
Os passaros do oriente, em rutilas plumagens;
Todo esse mundo ideal que a phantasia embala;
As joias de Pannah, de Golconda e Bengala,
Que esmaltaram de Akbar os cofres deslumbrantes;
A força submettida ao espirito: elephantes
De pavilhões no dorso afugentando as feras;
Selvagens dando caça aos tigres e ás pantheras;
A opulencia sem par d'essas vastas regiões
Do oiro e do diamante, excita as ambições
Do terrivel Jesuita!... A fé que elle propaga
E a religião que ensina é mentirosa e aziaga;
Impugna a crença antiga. O Christo flagellado,
Na tragedia da cruz, despreza-o, comparado
Á riqueza e esplendor dos idolos indianos;
Ama os deuses pagãos e os symbolos profanos;
Detesta da humanidade as formulas singelas;
As ameaças da morte, a furia das procellas,
As insomnias no mar e a fome nos sertões,
Merecem o clamor das suas maldições!
Pratica no Japão a torpe malvadez
De cuspir n'uma cruz e de a calcar aos pés!
Exalta, simplesmente, os grandes e opulentos;

Por isso a sua mão recusa os sacramentos
Aos parias, que o rancor de tão soberbo egoismo
Põe fóra d'este novo e extranho christianismo!
Indigna-se ao sabel-o o Papa austero e bom;
Envia a toda a pressa o cardeal Tournon,
Que foi morrer-lhe ás mãos, de fome e nostalgia,
No pantano sem ar d'uma prisão sombria!

O missionario lança as vistas ardilosas
Á America do Sul...

Nas margens pantanosas
Do ardente Paraguay alastra e consolida
A sua preversão feroz e desmedida!
É rei! manda e castiga, impõe-se, ordena e mata.
Desde Minas-Geraes ao Paraná desata
O curso venenoso, horrivel e sangrento,
Das suas ambições, do seu poder violento!...
Dá caçadas ao indio assim como ao leão;
E opprime e domestica os guaranys, que vão
Submissos e de rojo, a alma assombrada e inquieta,
Beijar-lhe a mão nervosa e a fimbria da roupeta!...
Tremem sob a chibata altiva que os aterra;
E andando todo o dia a trabalhar na terra

Vão á noite depôr o misero salario,
A tremerem de medo, aos pés do missionario!...

Na Europa condensou tres seculos de treva!...
A sua indole má, desapiedada e seva,
Apossa-se dos reis, dos papas, dos ministros,
E algema-os!...
Ao clarão dos dramas mais sinistros
Vê-se passar, ao fundo, o lugubre Jesuita,
Que as cabeças humilha e os corações irrita,
Espalhando a sizania, a fraude, a intriga, o erro!
Na sua compleição ha linhas de aço e ferro;
Tem venenos subtis as suas mãos esguias,
Cruzadas sobre o peito e eternamente frias!...
No seu espirito ha sempre um calculo profundo:
Subjugar as nações, avassallar o mundo,
Embora faça ruir no mesmo precipicio
As cathedras reaes e o throno pontificio!
Na Hespanha, em Portugal, em Napoles, na França,
Na Austria e na Inglaterra, o seu vigor não cança,
Tem a força brutal das temperas antigas;
Urde, propaga, anima as fraudes e as intrigas;
É elle quem concebe e quem promulga as leis;
Ensina as cortezãs a atraiçoar os reis;
Manda matar sem dó, manda roubar sem conto,

E traz o seu punhal sempre aguçado e prompto,
Para não lhe escapar o momento adequado,
O ensejo de o cravar n'um peito condemnado!

Por isso succumbiu tres seculos depois,
Sem lhe cingir a fronte a c'roa dos heroes,
Nem tão pouco o esplendor dos genios consagrados.
O odio, as reacções dos povos indignados,
E a desforra dos reis, n'um generoso esforço,
Expulsaram-no emfim...

Negro como um remorso,
O colosso brutal, o athletico gigante,
Desfallecido, foi, submisso e agonisante,
Curvar aos pés do Papa a fronte ensanguentada...

O Papa deu-lhe então a ultima estocada!

Bem hajas, Ganganelli!...

ACABADO DE IMPRIMIR

aos 16 de Fevereiro de mil oitocentos noventa e cinco

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL

Á custa do Ex.mo Sr.

CONDE DE PORTO COVO DA BANDEIRA